

# Macau 澳門



CÓDIGO FISCAL

# TRIBUTAÇÃO 2.0

Nova legislação estabelece regime fiscal moderno, promovendo a RAEM como destino de investimento



**MERCADO OBRIGACIONISTA**  
NOVOS MÁXIMOS E MAIS  
CRESCIMENTO NA MIRA



**ARTE CONTEMPORÂNEA**  
MOSTRA NO MAM REVISITA  
40 ANOS DE TALENTO LOCAL

**FUTEBOL DE MACAU**  
NOVO SELECCIONADOR  
PEDE MAIS AMBIÇÃO



葡語國家產品資料庫  
BASE DE DADOS DE PRODUTOS DOS  
PAÍSES DE LÍNGUA PORTUGUESA

中葡雙語人才資料庫  
BASE DE DADOS DE PROFISSIONAIS  
QUALIFICADOS EM CHINÊS E PORTUGUÊS

專業服務供應商  
FORNECEDORES DE SERVIÇOS PROFISSIONAIS

會展資訊  
INFORMAÇÃO SOBRE CONVENÇÕES E EXPOSIÇÕES

經貿資訊  
INFORMAÇÃO ECONÓMICA E COMERCIAL

法規資訊  
LEIS E REGULAMENTOS

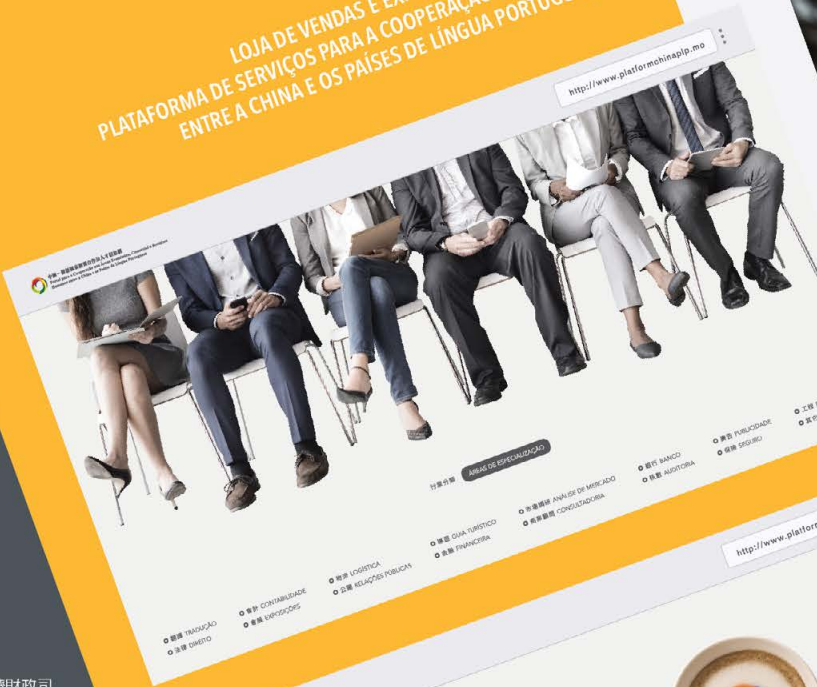
中國-葡語國家經貿合作及人才  
信息網移動端APP及小程序  
APLICAÇÃO MÓVEL E MINI PROGRAMA DO PORTAL  
PARA A COOPERAÇÃO NA ÁREA ECONÓMICA,  
COMERCIAL E DE RECURSOS HUMANOS  
ENTRE A CHINA E OS PAÍSES DE LÍNGUA PORTUGUESA

中國與葡語國家商貿合作  
服務平台線下銷售體驗店  
LOJA DE VENDAS E EXPERIÊNCIA OFFLINE DA  
PLATAFORMA DE SERVIÇOS PARA A COOPERAÇÃO COMERCIAL  
ENTRE A CHINA E OS PAÍSES DE LÍNGUA PORTUGUESA



# 中國-葡語國家經貿 合作及人才信息網

## PORTAL PARA A COOPERAÇÃO NA ÁREA ECONÓMICA, COMERCIAL E DE RECURSOS HUMANOS ENTRE A CHINA E OS PAÍSES DE LÍNGUA PORTUGUESA



主辦單位：  
Entidades Organizadoras:

中華人民共和國商務部  
Ministério do Comércio da  
República Popular da China

澳門特別行政區政府經濟財政司  
Secretaria para a Economia e  
Finanças da RAEM

承辦單位：  
Entidade Coordenadora:



招商投資促進局  
Instituto de Promoção do Comércio e do Investimento  
Commerce and Investment Promotion Institute



WWW.PLATFORMCHINAPLP.MO



---

# Macau 澳門

## PROPRIEDADE

Gabinete de Comunicação Social da Região Administrativa Especial de Macau  
Avenida da Praia Grande, n.ºs 762 a 804 Edifício China Plaza, 15.º andar, Macau

TEL. (+853) 2833 2886 | FAX (+853) 2835 5426  
info@gcs.gov.mo | www.gcs.gov.mo

## DIRECTORA

Chan Lou

## DIRECTORA EXECUTIVA

Amélia Leong

## EDITORES EXECUTIVOS

Ana Costa Macedo, Alberto Au

---

## PRODUÇÃO, GESTÃO E DISTRIBUIÇÃO

TEAM Publicações e Consultoria Lda  
Avenida da Praia Grande, n.º 763,  
Edifício Lun Pong, 9.º andar B, Macau

TEL. (+853) 2835 3934 | FAX (+853) 2835 3934  
revistamacau@teampublishing.com.mo  
www.teampublishing.com.mo

## EDITOR

Tiago Azevedo

## COORDENAÇÃO EDITORIAL

Emanuel Graça

## SERVIÇOS ADMINISTRATIVOS

Ashley Chou

## TIRAGEM

500 exemplares

## IMPRESSÃO

Tipografia Welfare, Macau

## ISSN

0871-004X

---

Escaneie o nosso código QR e siga-nos nas redes sociais:



FACEBOOK



INSTAGRAM



X

App da Revista Macau disponível em:



Website:



www.revistamacau.com.mo



# CÓDIGO FISCAL: TRANSPARÊNCIA, MODERNIZAÇÃO E COMPETITIVIDADE ◀8

Nova legislação pretende criar um regime fiscal uniformizado e em consonância com os padrões internacionais, para fazer face ao desenvolvimento da RAEM



## PASSOS FIRMES, FORTE EXPANSÃO ◀18

RAEM continua a otimizar o mercado obrigacionista local, procurando atrair mais investidores do exterior, após prestação recorde em 2024



## COM CABO VERDE NO CORAÇÃO ◀46

País africano celebra 50 anos de independência e quase tantos de ligação à China, com comunidade cabo-verdiana de Macau num papel especial



## ENTREVISTA

### ENTRETENIMENTO, UMA INDÚSTRIA COM FUTURO ◀40

Lawrence Che Fok Sang, um dos fundadores da Chessman Entertainment, defende maior colaboração regional e diversidade para estimular o sector

## OUTROS TEMAS

26 ▶ **LOJA DE CHÁ IENG KEI**  
APOSTAR NA QUALIDADE,  
VALORIZAR A TRADIÇÃO

52 ▶ **HENGQIN ESSENCIAL**  
PARA COMÉRCIO  
SINO-LUSÓFONO, DIZ  
EDUARDO AMBRÓSIO



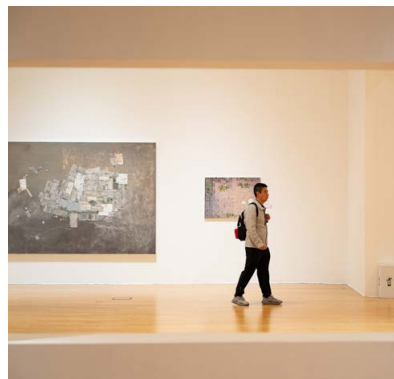
66 ▶ **DANÇA**  
REBEL Z E OS SONHOS  
NO PALCO E NAS RUAS

72 ▶ **FUTEBOL**  
NOVO SELECIONADOR  
TEM METAS AMBICIOSAS



### A hora do vinho chinês ◀30

Reconhecimento de vinhos 'premium' produzidos na China em alta



### Arte "made in Macau" ◀58

Últimas quatro décadas das artes plásticas locais em retrospectiva no MAM

## +MACAU

### +78

Maria José de Freitas: o velho, o novo e o futuro da cidade



### +83

Casa Maquista, entre a identidade e a reinvenção gastronómica



### +86

Roteiro





## Sam Hou Fai frisa papel de Macau como interlocutor China-PLPs

O Chefe do Executivo, Sam Hou Fai, salientou que o Governo da Região Administrativa Especial de Macau (RAEM) continuará a apoiar o Secretariado Permanente do Fórum para a Cooperação Económica e Comercial entre a China e os Países de Língua Portuguesa (Fórum de Macau) para que, em conjunto, possam potenciar o papel da RAEM como interlocutor entre a China e os Países de Língua Portuguesa.

No discurso proferido durante a recepção da Festa da Primavera de 2025 do Secretariado Permanente do

Fórum de Macau, que decorreu a 19 de Fevereiro, Sam Hou Fai afirmou ainda que, enquanto plataforma importante de cooperação sino-lusófona, o Fórum de Macau desempenha um papel relevante nas áreas económica, comercial, cultural e educativa, entre outras.

O Chefe do Executivo acrescentou que, em consonância com as expectativas manifestadas pelo Presidente Xi Jinping, Macau irá reforçar a abertura bilateral com os países de língua portuguesa, promovendo uma cooperação abrangente de benefícios mútuos.

PLATAFORMA SINO-LUSÓFONA

## RAEM ganha 49 mediadores de conflitos na Grande Baía



Macau conta agora com 49 profissionais certificados como “Mediadores da Grande Baía Guangdong-Hong Kong-Macau”. A cerimónia de atribuição dos respectivos certificados (foto) decorreu a 17 de Fevereiro e teve a presença do secretário para a Administração e Justiça, Cheong Weng Chon.

O lançamento da Lista dos Mediadores da Grande Baía Guangdong-Hong Kong-Macau visa promover o reconhecimento recíproco de qualificações entre as três regiões que compõem a Grande Baía, bem como impulsionar o desenvolvimento do sector de serviços de mediação e de resolução alternativa de litígios. Para já, existe um total de 146 indivíduos certificados como mediadores da Grande Baía, dos quais cerca de um terço é proveniente de Macau.

MEDIAÇÃO

# Macau e Hong Kong discutem reforço da cooperação

O Chefe do Executivo, Sam Hou Fai, realizou em Fevereiro uma visita a Hong Kong, onde manteve um encontro com o seu homólogo da região vizinha, John Lee Ka-chiu. As duas partes abordaram o reforço contínuo da



Chefe do Executivo, Sam Hou Fai (esq.), e o seu homólogo da região vizinha, John Lee Ka-chiu (dir.)

cooperação entre Macau e Hong Kong num leque alargado de áreas.

Sam Hou Fai apontou que ambas as cidades possuem enormes vantagens institucionais sob o princípio “um país, dois sistemas”. O Chefe do Executivo referiu que as duas regiões administrativas especiais são altamente complementares, apesar de possuírem diferentes posicionamentos.

Durante o encontro, os dois líderes discutiram ainda a necessidade de alinhamento com o desenvolvimento nacional, agarrando as oportunidades geradas pelo desenvolvimento da Grande Baía Guangdong-Hong Kong-Macau. As duas partes trocaram também opiniões sobre a promoção contínua da assistência judiciária entre Macau e Hong Kong.

## INTEGRAÇÃO REGIONAL

# 1524

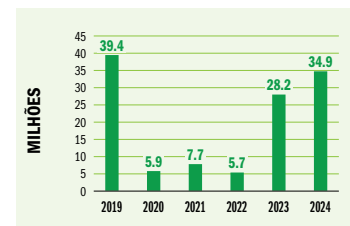
Número de eventos MICE (reuniões, conferências, exposições e actividades de incentivo) realizados em Macau no ano passado, uma recuperação plena para os níveis do período pré-COVID-19



## NÚMERO

# Turistas de volta

Número de visitantes



É facilmente visível nas ruas do centro de Macau: após uma quebra acentuada no número de visitantes, fruto das restrições associadas à pandemia da COVID-19, o sector turístico está novamente em alta, tendo-se registado em 2024 o terceiro valor anual mais elevado de sempre em termos de entradas de turistas.

## GRÁFICO



**“O Governo da RAEM continuará, em conjunto com todos os sectores da sociedade, a unir esforços, em prol da prosperidade e estabilidade de Macau”**

TAI KIN IP  
SECRETÁRIO PARA A ECONOMIA E FINANÇAS

## FRASE



## Abraçar o Ano Novo Chinês

Foi com diversas festividades e eventos que Macau deu as boas-vindas ao Ano da Serpente, que, segundo o calendário tradicional lunar, teve início a 29 de Janeiro. Um dos destaques foi a Parada de Celebração do Ano da Serpente, que animou as ruas da cidade com muita música, cor e animação. ▲ FOTO © DST





## Lótus de gelo

Macau enviou uma delegação de atletas para participar na 9.ª edição dos Jogos Asiáticos de Inverno, que decorreu em Fevereiro na cidade chinesa de Harbin. Macau esteve representada na modalidade de hóquei no gelo e os atletas locais contaram com o apoio do Chefe do Executivo, Sam Hou Fai, que marcou presença no evento desportivo, nomeadamente na cerimónia de abertura, liderada pelo Presidente Xi Jinping. ▲ FOTO © GCS



## Reconhecimento

O Chefe do Executivo, Sam Hou Fai, realizou, no final de Janeiro, um encontro com representantes da comunidade macaense. Durante o evento, o governante sublinhou que o Executivo continuará a apoiar o desenvolvimento da comunidade, sublinhando o papel dos macaenses para o bom desempenho de Macau como plataforma de serviços de cooperação económica e comercial entre a China e os países de língua portuguesa. ▲ FOTO © GCS

CÓDIGO FISCAL

# UM NOVO PARADIGMA



Demorou anos a ser preparado, mas o Código Fiscal é agora uma realidade, entrando plenamente em vigor no início do próximo ano. Para além de estabelecer normas sistemáticas e claras relativamente às leis avulsas vigentes, o novo Código vem implementar um regime fiscal moderno adequado aos padrões tributários internacionais e ao desenvolvimento económico a longo prazo da RAEM, diz o Governo

Texto **Marta Melo**

// **“IMPRESCINDÍVEL.”**  
Foi desta forma que o Governo da Região Administrativa Especial de Macau (RAEM) classificou, aquando

da apresentação, a proposta de lei de aprovação do Código Fiscal. Era Novembro de 2021 e o Código estava previsto designar-se, na versão portuguesa, de Código Tributário. Passados mais de três anos de trabalhos no seio da Assembleia Legislativa, a votação favorável do diploma na especialidade deu-se

em Dezembro passado. Embora algumas matérias contempladas na lei já tenham entrado em vigor, as grandes alterações só serão sentidas a partir do início do próximo ano.

Com o Código Fiscal, o Governo “vem proceder a uma reforma profunda da legislação fiscal vigente” e formular um conjunto de



normas “uniformizado e coerente que abrange toda a relação jurídica fiscal”, considera a Direcção dos Serviços de Finanças (DSF). É estabelecido “um regime fiscal moderno, correspondente aos padrões tributários internacionais, para fazer face ao desenvolvimento económico da RAEM a longo prazo”, acrescenta organismo.

A produção do Código Fiscal visou unificar normas da legislação fiscal anteriormente avulsas. Segundo a DSF, são estipulados “os direitos e deveres das relações jurídicas fiscais, os procedimentos e o processo judicial fiscal e, ainda, os princípios e os trâmites a cumprir

no processo de execução fiscal”. Tudo para, é acrescentado, “assegurar as receitas fiscais da RAEM e defender os direitos e interesses legítimos dos contribuintes”.

A iniciativa legislativa teve como objectivo modernizar um regime, com a sua génese na década de 1970, cujas leis tributárias tinham sido elaboradas, sob a forma de legislação avulsa, consoante as necessidades tributárias, como informa a nota justificativa da respectiva proposta de lei. Em resultado, não havia normas gerais que abrangessem toda a relação jurídica tributária, “com um conceito, princípios e procedimentos de

tributação uniformizados”, o que já não correspondia às necessidades do desenvolvimento socioeconómico de Macau, de acordo com as autoridades locais.

O diploma surge dividido em duas partes: a lei que aprova o Código Fiscal, que modifica o regime dos impostos actualmente em vigor, disciplinados por leis avulsas; e o Código Fiscal propriamente dito, com um total de 312 artigos.

### Maior transparência

Para o economista António Félix Pontes, a importância do Código Fiscal para Macau deriva da



© DEBORGIANA

O Código Fiscal tem como objectivo “assegurar as receitas fiscais da RAEM”, sublinha a Direcção dos Serviços de Finanças

## Legislação entra em vigor por fases

A LEI N.º 24/2024 - Lei de Aprovação do Código Fiscal e o Código Fiscal propriamente dito entram em vigor, em pleno, a 1 de Janeiro de 2026, mas há disposições do pacote legislativo que já estão a ser implementadas. É o caso da alteração ao artigo 58.º do Regulamento do Imposto do Selo, referente ao pagamento do imposto do selo sobre a transmissão de bens. A norma entrou em vigor no dia 31 de Dezembro de 2024, dia seguinte ao da publicação em Boletim Oficial da lei que aprova o Código Fiscal.

A alteração determina que o pagamento é feito por meio de guia de pagamento e certificado por validação mecânica ou por outros meios. À 3.ª Comissão Permanente da Assembleia Legislativa, o Governo informou que esta medida visava permitir a rápida implementação do serviço “one-stop” para a

realização de escrituras públicas de compra e venda por via electrónica.

No último dia do ano passado, entraram ainda em vigor as alterações à Tabela Geral do Imposto do Selo.

Desde o passado dia 1 de Janeiro que já estão implementadas as regras relativas à identificação de residentes fiscais e modelos dos impressos a utilizar no procedimento fiscal. A medida visa que os contribuintes possam registar-se como residentes fiscais o mais cedo possível, segundo o explicado pelo Governo aos deputados da Assembleia Legislativa.

As disposições transitórias relevantes incluem a uniformização do domicílio fiscal dos contribuintes, devendo estes comunicar ou alterar o seu domicílio fiscal único junto da Direcção dos Serviços de Finanças no prazo de um ano a contar a partir de 1 de Janeiro de 2026. ▲

unificação de normas e da incorporação de padrões internacionais ligados à área da fiscalidade. Segundo diz, a sua aprovação foi uma “excelente” notícia. “O Código Fiscal passou a constituir o pilar nuclear do regime fiscal da RAEM”, afirma.

De acordo com a DSE, o Código “vem proceder a importantes alterações às leis fiscais vigentes”, entre elas a clarificação do princípio da territorialidade no âmbito fiscal e a fixação do prazo máximo de 15 anos para créditos fiscais. Ao mesmo tempo, “vem introduzir uma série de disposições novas”, como

a promoção do uso de plataformas fiscais electrónicas, a introdução do pagamento de juros indemnizatórios aos contribuintes ou a designação de um representante fiscal para contribuintes que não se encontrem em Macau.

O advogado Nuno Sardinha da Mata refere que o Código Fiscal é “um passo à frente” para a RAEM, ao codificar o direito fiscal local de forma sistematizada, algo que ainda não tinha sido feito. “É a modernização do direito e da forma de actuar da administração fiscal”, diz. “É a criação de um quadro de

regras dentro das quais se movem a administração fiscal e os contribuintes na sua relação com a mesma”, acrescenta. Em resultado, acredita o advogado, vai ser gerado um clima de “maior transparência” e de facilidade no contacto com a máquina fiscal da RAEM.

Essa maior clareza terá impacto positivo, considera o jurista João Janela. Com a nova legislação, passa a ser mais fácil explicar a entidades de jurisdições terceiras o regime vigente em Macau. Para o especialista, “nada é mais claro” do que uma norma traduzível para

outra língua. “Traz [impacto], de certeza, pelo menos, na confiança dos agentes económicos.”

Nuno Sardinha da Mata concorda que o Código Fiscal é importante para a promoção de Macau como um destino de investimento, “no sentido de apresentar um

quadro legislativo e regulatório, em termos fiscais, que se aproxima das jurisdições mais modernas”.

### **Modernizar para melhorar**

O Código Fiscal vem proceder a uma consolidação e modernização

da legislação sobre o procedimento e processo judicial fiscal. Uma matéria que estava incompleta e desactualizada, de acordo com alguns especialistas, e que obrigava a usar como referência o Código das Execuções Fiscais de Portugal, da década de 1950. Neste campo, a



nova legislação vem determinar o processo de execução fiscal, bem como os meios de execução da lei a recorrer para satisfazer tributos e outros créditos, incluindo a realização de penhoras dos imóveis dos devedores à RAEM.

Um dos aspectos destacados

por Nuno Sardinha da Mata prende-se com a questão da denominada “reversão”. O advogado observa que o Código Fiscal estabelece agora quem é o responsável pelo pagamento dos impostos, “não só da responsabilidade fiscal do sujeito passivo em si, que é aquele sobre o

qual o imposto incide, mas sobretudo dos responsáveis subsidiários”.

Carlos Cid Álvares, presidente da delegação de Macau da Câmara de Comércio e Indústria Luso-Chinesa (CCILC-Macau), destaca igualmente as alterações no procedimento administrativo fiscal. A administração fiscal, justifica, “passa a saber exactamente as regras que deve seguir nas liquidações e cobranças, ou seja, nas execuções fiscais”. Por outro lado, os contribuintes “passam a saber exactamente a que regras a administração está vinculada e como reagir se entenderem que houve algum desvio”, defende.

De acordo com o Governo, as mudanças contribuem para “fortalecer a confiança da comunidade internacional e dos investidores de todo o mundo no regime tributário” de Macau, “reforçando assim a competitividade e atractividade do ambiente de negócios”, é referido na respectiva nota justificativa da lei de aprovação do Código Fiscal.

O Código desempenha, deste modo, um papel na estratégia de diversificação da economia de Macau, na opinião de Carlos Cid Álvares. “À medida que a economia da RAEM se diversifica, o mesmo acontecerá às suas fontes de rendimento tributário e a administração fiscal necessitará de cobrar taxas e impostos a um número crescente de contribuintes. Esta iniciativa legislativa é, portanto, necessária e benéfica para o caminho que a RAEM tem vindo a percorrer”, conclui.



De acordo com a Direcção dos Serviços de Finanças, o Código Fiscal estabelece “um regime fiscal moderno” para Macau

É ainda introduzido, pelo pacote legislativo, um mecanismo de eliminação da dupla tributação, através de uma alteração ao Regulamento do Imposto Complementar de Rendimentos. Assim, se sobre os rendimentos obtidos noutras jurisdições tiverem sido pagos impostos com natureza idêntica, o valor pode ser utilizado como crédito de imposto em Macau.

### Novos conceitos

O Código Fiscal vem clarificar o princípio da territorialidade ao

prever que “as normas fiscais aplicam-se aos factos fiscais que ocorram na RAEM, sem prejuízo do disposto nos acordos internacionais ou inter-regionais em matéria fiscal em vigor na RAEM ou de disposição legal em contrário”.

João Janela explica que, até agora, “era absolutamente indiferente onde é que o rendimento era gerado e pago”. Desse ponto de vista, qualquer tipo de rendimento posto à disposição de um residente de Macau podia ser tributado na RAEM. “Era o chamado ‘conceito globalista de tributação’, que já



Já está à venda o livro do Código Fiscal, impresso pela Imprensa Oficial



A nova legislação vem promover o uso de plataformas fiscais electrónicas por parte dos contribuintes



poucas jurisdições têm”, observa.

Outro conceito novo é o de domicílio fiscal, que deve ser comunicado às autoridades fiscais. No caso das pessoas singulares, é o local de residência habitual. Para as pessoas colectivas, trata-se da sua sede ou direcção efectiva. Na falta

destas, considera-se o seu “estabelecimento estável” na RAEM – isto é, em termos gerais, “qualquer instalação fixa através da qual seja exercida uma actividade de natureza comercial ou industrial”.

Outra novidade é o conceito de residente fiscal. A norma não

existia em Macau. O Código Fiscal, segundo o advogado Nuno Sardinha da Mata, vem agora dizer, à semelhança de outras leis fiscais noutras jurisdições, que quem reunir determinados requisitos é considerado residente fiscal pela administração, e, portanto, “é sujeito

## Alterações ao imposto complementar de rendimentos

UMA DAS MUDANÇAS introduzidas pela Administração com o pacote legislativo relativo ao Código Fiscal prende-se com o regime de incidência do Imposto Complementar de Rendimentos. O imposto passa a cobrir “rendimentos de dividendos, juros, royalties e mais-valias obtidos ou gerados fora” da Região Administrativa Especial de Macau (RAEM) por “entidades constituintes” que sejam residentes fiscais na região.

Tal é uma referência a unidades ligadas a grupos de empresas multinacionais, uma vez que estes grupos “apresentam maiores riscos de transferência de lucros, situação que pode erodir a base tributária de outras jurisdições fiscais”, foi então explicado pelo Executivo durante a análise da proposta de lei de aprovação do Código Fiscal pela 3.ª Comissão Permanente da Assembleia Legislativa. A principal razão da tributação dos rendimentos passivos obtidos no exterior é, segundo o Governo, satisfazer as exigências da União Europeia.

Até agora, lembra o jurista João Janela, o Imposto Complementar de Rendimentos “estava restrito aos rendimentos da actividade comercial e industrial”. Segundo o especialista, o novo articulado, “mais do que criar realidades tributárias”, tem a preocupação de

“transportar para a ordem interna” conceitos que são obrigações internacionais no âmbito da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico (OCDE). “A preocupação foi que isso ficasse bem claro na lei, porque, de outra forma, Macau corria o risco de entrar em falha perante uma organização internacional”, salienta.

Ao Regulamento do Imposto Complementar de Rendimentos foi igualmente aditado o conceito de “preços de transferência” – ou seja, os preços que são praticados nas transacções comerciais ou financeiras entre sujeitos passivos da RAEM e as suas partes relacionadas pertencentes a outras jurisdições fiscais. Essas transacções devem estar “de acordo com o princípio da plena concorrência”. Trata-se de outro conceito novo, que implica que, nessas transacções, “devem ser acordados, aceites e praticados termos e condições substancialmente idênticos aos que seriam normalmente acordados, aceites e praticados entre partes não relacionadas em transacções comparáveis”.

Quando não for observado o “princípio da plena concorrência”, a Direcção dos Serviços de Finanças pode proceder à avaliação indirecta e aos ajustamentos da matéria colectável declarada. ▲

a tributação em Macau”. Na sua opinião, o conceito, como definido no Código Fiscal, pretende “englobar o máximo de residentes fiscais possível” e não eliminar ninguém.

No caso das pessoas singulares, são considerados residentes fiscais aqueles que, no ano civil a que respeitam os rendimentos, tenham permanecido na RAEM por um período igual ou superior a 183 dias, seguidos ou interpolados. Quem não cumpra esse requisito, mas que disponha, “a 31 de Dezembro desse ano, de residência em condições que façam supor a intenção de a manter e ocupar como residência habitual”, cai também no âmbito de residente fiscal da RAEM.

Para as pessoas colectivas, a residência fiscal é reconhecida para quem tenha sede ou direcção efectiva na RAEM.

O Código Fiscal prevê ainda a obrigação de nomeação de um representante fiscal, sempre que a ausência dos contribuintes da RAEM seja superior a 183 dias. Tal pode ser dispensado caso se opte por receber as notificações em forma electrónica.

É ainda regulado o pagamento de juros compensatórios quando, por exemplo, ocorram atrasos na liquidação, total ou parcial, do imposto devido. Em sentido inverso, é regulamentado o regime de juros indemnizatórios a pagar pela

administração fiscal quando a restituição de imposto não seja feita dentro do prazo.

O não pagamento de impostos dentro do período fixado por lei fica sujeito a juros de mora, a uma taxa geral de 1 por cento ao mês. O Código Fiscal estipula ainda a cobrança de um valor adicional equivalente a 3 por cento do valor da dívida fiscal em caso de não pagamento de imposto no prazo legal.

### Exclusão do dever de sigilo

No âmbito do procedimento fiscal, o Código Fiscal prevê a exclusão do dever de sigilo quando a



Página temática do Código Fiscal

← Página electrónica da DSF

Português



財 政 局  
Direcção dos Serviços de Finanças

## APROVAÇÃO DO CÓDIGO FISCAL

Entra plenamente em vigor a partir  
de 1 de Janeiro de 2026



Legislação relevante



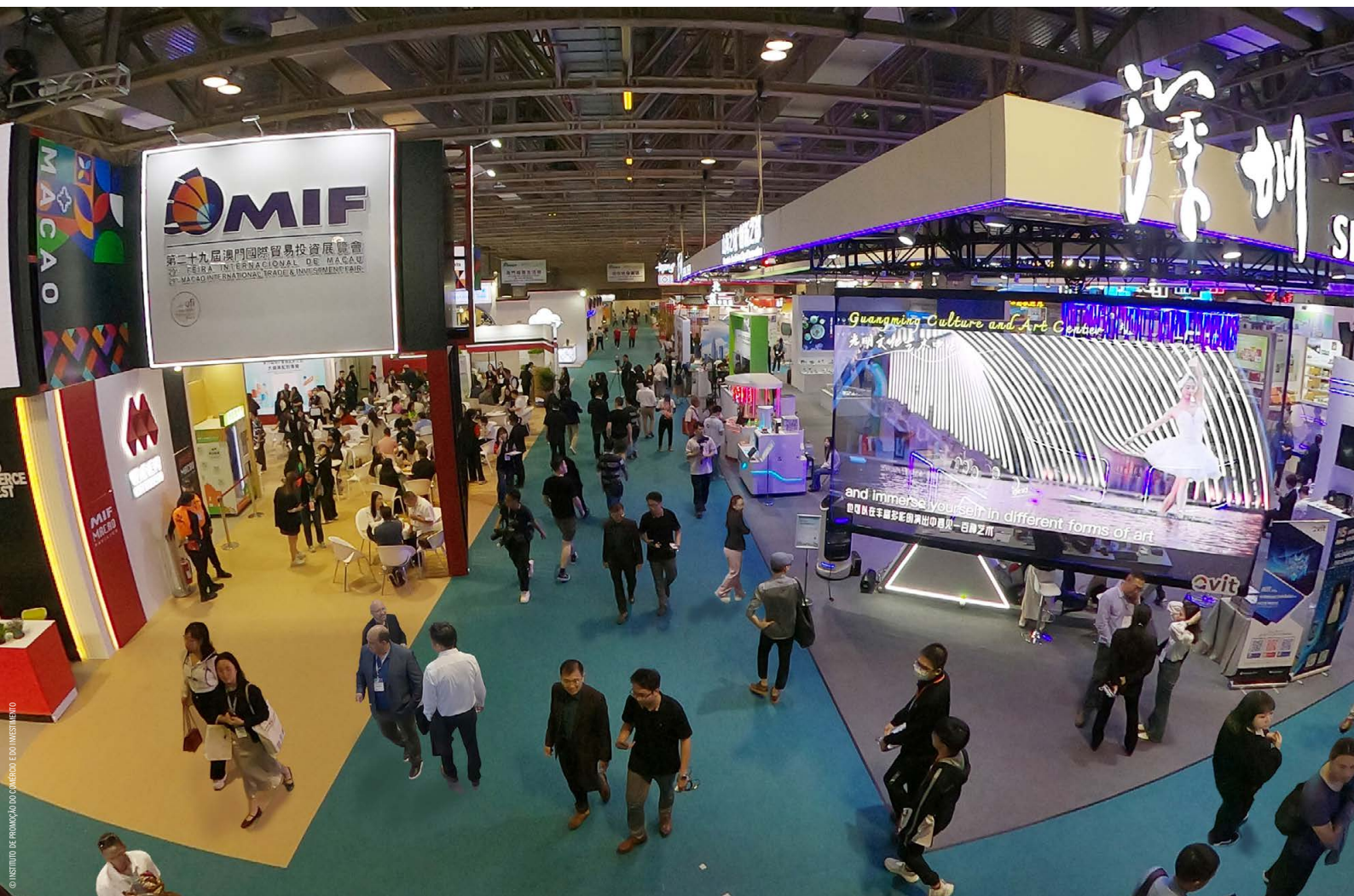
Vídeo Promocional



Infografia



Contacte-nos



O Governo acredita que o Código Fiscal contribui para fortalecer a confiança dos investidores estrangeiros em Macau

administração solicitar, “de forma devidamente fundamentada”, elementos fiscais. Entre os grupos profissionais a que se aplica a norma contam-se advogados, contabilistas e agentes imobiliários.

Esta foi uma das questões alvo de especial atenção na análise do diploma por parte dos deputados. O parecer da 3.ª Comissão Permanente da Assembleia Legislativa

assinala que “o Código Fiscal reforça os deveres de colaboração das entidades privadas com a administração fiscal” e opta “por afastar de forma genérica o regime de sigilo bancário e também vários sigilos profissionais, que actualmente limitam a informação que possa ser exigida”.

O Código Fiscal estabelece ainda normas sobre as notificações

fiscais, estipulando que podem ser efectuadas sob registo postal ou em forma electrónica. O tema foi alvo de especial atenção na análise em sede de Comissão da Assembleia Legislativa, lendo-se no respectivo parecer que esta possibilidade “reflecte, em larga medida, os novos impulsos promovidos recentemente no que diz respeito à governação electrónica”. ▲

MERCADO OBRIGACIONISTA

# MACAU APONTA A INVESTIDORES INTERNACIONAIS

O mercado obrigacionista em Macau atingiu valores recorde em 2024, cerca de seis anos depois da primeira instituição financeira de emissão de obrigações ter sido criada na região. O sector é visto como essencial para a diversificação adequada da economia e olha agora para os mercados internacionais para continuar a expandir

Texto **Nelson Moura**

**D**URANTE a recente visita à Região Administrativa Especial de Macau (RAEM), em Dezembro de 2024, o Presidente Xi Jinping apelou ao Sexto Governo da RAEM que continue a envidar esforços para diversificar a economia local. No âmbito do “Plano de Desenvolvimento da Diversificação Adequada da Economia da RAEM”, o Governo definiu o desenvolvimento do sector financeiro moderno como uma das prioridades, com a aceleração da construção e reforço do mercado obrigacionista local como uma das pedras basilares dessa estratégia.

O último passo foi o lançamento oficial, no final de Janeiro, do serviço de rede e interligação directa entre

a Central Moneymarkets Unit de Hong Kong (CMU), operada pela CMU OmniClear Limited – subsidiária detida a 100 por cento pelo Exchange Fund of Hong Kong – e a Central de Depósito de Valores Mobiliários de Macau (CSD), operada pela Central de Depósito e Liquidação de Valores Mobiliários de Macau – Sociedade Unipessoal Limitada (MCSD), empresa de capitais públicos, constituída e totalmente detida pela Autoridade Monetária de Macau (AMCM). A iniciativa visa promover o desenvolvimento integrado dos mercados de obrigações das duas regiões, segundo um comunicado da AMCM.

O regulador financeiro de Macau afirmou ter



O desenvolvimento do mercado obrigacionista faz parte dos esforços do Governo para diversificar a economia local

trabalhado em “estrita colaboração” com a Autoridade Monetária de Hong Kong (HKMA, na sigla em inglês) nos preparativos para o estabelecimento da rede directa, bem como na implementação e definição conjunta das regras e procedimentos operacionais.

Na cerimónia de inauguração, o Presidente do Conselho de Administração da AMCM, Chan Sau San, referiu que “o lançamento oficial da rede e interligação directa entre os mercados obrigacionistas de Hong Kong e Macau concretiza a primeira conexão entre as infra-estruturas do mercado obrigacionista de Macau e uma plataforma central de depósito de valores mobiliários no exterior”.

Segundo a AMCM, a interligação das infra-estruturas dos mercados obrigacionistas de Hong Kong e de Macau proporciona um canal transfronteiriço para financiamento e investimento, permitindo que os investidores de ambas as regiões “participem de forma mais conveniente e eficiente nos mercados obrigacionistas de uma e outra parte”.

A iniciativa, refere a instituição, “representa um avanço significativo” na cooperação financeira entre Hong Kong e Macau, “destacando as vantagens próprias de cada região e exemplificando o desenvolvimento sinérgico da Grande Baía Guangdong-Hong Kong-Macau”.

No âmbito do serviço de rede e interligação direta, a Sucursal de Macau do Banco da China anunciou a emissão de obrigações a dois anos no valor de mil milhões de renminbi, enquanto a Sucursal de Macau do Banco Industrial e Comercial da China emitiu títulos a três anos, no valor de 250 milhões de dólares americanos.

### Sector em expansão

Macau acolheu o ano passado um número recorde de listagens de obrigações, aprofundando o seu papel como um centro alternativo para financiamento, nomeadamente para empresas chinesas.

Segundo dados compilados pela agência de notícias financeiras Bloomberg, um total de 28,1 mil milhões de dólares americanos em títulos começou a ser

negociado, em 2024, na bolsa da Transacção de Bens Financeiros de Chongwa (Macau), S.A., fundada pelo grupo estatal Nam Kwong e conhecida como MOX. Cerca de 63 por cento dos títulos listados o ano passado são denominados em renminbi, envolvendo, na maioria, fundos institucionais do Interior da China, de Hong Kong e Singapura.

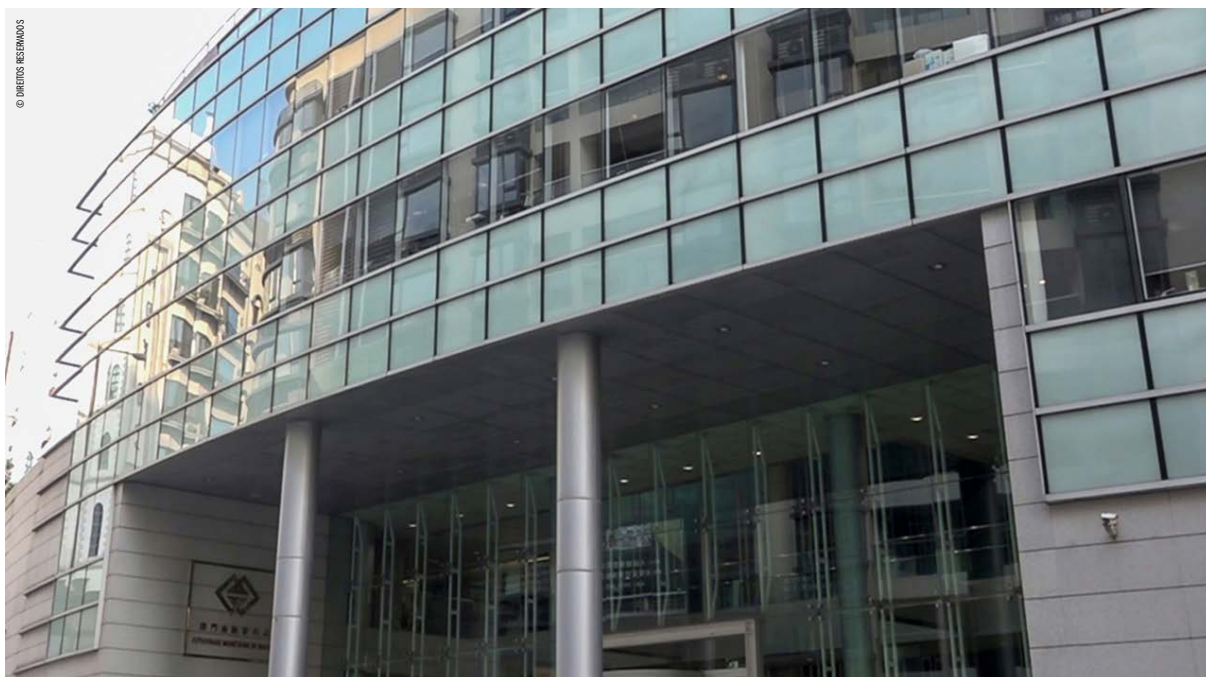
A MOX, fundada em 2018, foi a primeira instituição financeira a nível local a oferecer serviços que abrangem o registo, listagem, negociação e liquidação de títulos.

Estes avanços representaram um progresso significativo para a MOX, cujo valor das listagens de obrigações totalizava pouco mais de 600 milhões de dólares americanos quando foi criada.

De acordo com os dados mais recentes da AMCM, até ao final de Junho de 2024, o total dos activos do



Cerimónia de lançamento do serviço de rede e interligação entre a Central de Depósito de Valores Mobiliários de Macau e a Central Moneymarkets Unit de Hong Kong



Ao longo dos anos, a AMCM tem trabalhado para criar um ambiente mais propício ao crescimento do sector financeiro da RAEM

sector financeiro de Macau atingiu 2717,4 mil milhões de patacas, representando um aumento de 25 por cento em comparação com 2019.

O organismo refere também que, com a optimização constante das condições do mercado, há cada vez mais instituições financeiras a instalarem-se em Macau. Em comparação com 2019, o número de instituições financeiras autorizadas a operar em Macau aumentou de 15 para 102, incluindo sociedades de locação financeira, sociedades de gestão de fundos de investimento e bancos de investimento.

Estes avanços contribuíram para o desenvolvimento estável do mercado de obrigações local. Até final de Dezembro de 2024, estavam registados um total de 633 obrigações em Macau – emitidas ou listadas localmente –, com um montante equivalente a 567,9 mil milhões de patacas, segundo a AMCM. Do total, 474 obrigações e bilhetes monetários estavam sob custódia da CSD, com um montante de aproximadamente 106,6 mil milhões de patacas. Paralelamente, mais de 100 instituições tinham aberto contas junto da MCSD.

De acordo com o regulador financeiro de Macau, um “marco importante” na evolução do mercado de obrigações local foi o lançamento, no final de 2021, da Central de Depósito de Valores Mobiliários de Macau – conhecida pela sigla CSD –, um sistema que oferece serviços de registo, depósito e liquidação de valores mobiliários, facilitando as operações no mercado local de obrigações.

### **Progresso gradual**

Desde 2019, quando o Governo Central emitiu pela primeira vez obrigações soberanas em renminbi em Macau, a AMCM tem trabalhado na melhoria das infra-estruturas financeiras, visando criar um ambiente mais propício ao crescimento do mercado de títulos de dívida, que ainda se encontra numa fase inicial.

Até ao início de 2025, o Ministério das Finanças da República Popular da China emitiu obrigações governamentais em Macau várias vezes, totalizando um montante acumulado de 15 mil milhões de renminbi.

Em Outubro de 2024, o Ministério das Finanças emitiu obrigações destinadas a investidores profissionais, envolvendo um valor de 5 mil milhões de renminbi. Do total, obrigações no valor de 3 mil milhões de renminbi foram emitidas com prazo de dois anos e uma taxa de juro de 1,83 por cento, enquanto o restante – no valor de 2 mil milhões de renminbi – tem um prazo de cinco anos e uma taxa de juro de 2,05 por cento. A emissão destas obrigações, de acordo com a AMCM, foi bem acolhida pelo mercado, tendo registado uma subscrição excessiva.

“O Governo da Província de Guangdong emitiu também, pelo quarto ano consecutivo, obrigações municipais denominadas em renminbi ‘offshore’ em Macau, com um montante acumulado de 8,7 mil milhões até à data, incluindo obrigações verdes e especiais destinadas a apoiar projectos de infra-estruturas na Zona de Cooperação Aprofundada entre Guangdong e Macau em Hengqin”, afirmou a AMCM em declarações à Revista Macau, referindo-se a dados até Janeiro do corrente ano.

Segundo o organismo, a emissão contínua de obrigações em renminbi em Macau “permitirá a optimização contínua do mecanismo de emissão regular de obrigações, contribuindo para a gradual construção de uma curva de rendimentos em Macau, a expansão do âmbito de investidores e a promoção da interligação do mercado obrigacionista de Macau com o mercado internacional, bem como promovendo o desenvolvimento do mercado ‘offshore’ de renminbi e do mercado obrigacionista em Macau”.

Ao longo dos últimos cinco anos, as autoridades locais têm promovido várias iniciativas para impulsionar o mercado obrigacionista local. O Governo da RAEM procedeu à revisão ou elaboração de diversas leis financeiras. Entre estas, o “Regime jurídico da emissão monetária”, o “Regime jurídico do sistema financeiro”, o “Regime jurídico da actividade seguradora”, a “Lei da actividade de mediação de seguros”, o “Regime jurídico das sociedades de locação financeira” e a “Lei da fidúcia”.

O “Regime jurídico do sistema financeiro”, em particular, reformulou o processo de emissão pública de



Até ao início de 2025, o Ministério das Finanças da China emitiu obrigações em Macau num montante acumulado de 15 mil milhões de renminbi



obrigações, uma mudança que substituiu o “regime de aprovação” pelo “regime de registo”, baseado na divulgação de informações, elevando significativamente a eficiência da emissão de títulos em Macau.

Além disso, a proposta de “Lei dos fundos de investimento” está actualmente a ser discutida na generalidade na Assembleia Legislativa, encontrando-se também em curso os trabalhos de elaboração da futura “Lei de valores mobiliários”, segundo a AMCM.

“Para otimizar os mecanismos de gestão de liquidez do mercado monetário de Macau, a AMCM introduziu operações de recompra de obrigações em Fevereiro de 2023”, destacou a instituição.

No âmbito desta nova iniciativa, as obrigações de alta qualidade emitidas em Macau constituem objecto de recompra, designadamente no que diz respeito a títulos de dívida do Estado, títulos de dívida de governos provinciais e títulos emitidos pelos bancos estatais, com o objectivo de oferecer uma maior liquidez em patacas e em renminbi aos bancos locais.

Antes da introdução deste mecanismo, em Dezembro de 2022, a AMCM procedeu, com o apoio do Governo Central, à renovação do Acordo de “Swap” de Moedas, no valor de 30 mil milhões de renminbi, com o Banco Popular da China, tendo como objectivo proporcionar um suporte de liquidez em renminbi “offshore”, a título de reserva, ao mercado financeiro local.

Paralelamente, têm sido introduzidas várias medidas para tornar o mercado obrigacionista local mais atractivo, como a implementação de um processo de registo de cinco dias, bem como a isenção do imposto de selo e do imposto complementar de rendimentos em relação a obrigações emitidas em Macau.

No mesmo âmbito, a MOX assinou, em 2020, um acordo sobre dupla listagem com a Bolsa de Valores do Luxemburgo (LuxSE), permitindo aos emissores listarem simultaneamente obrigações na MOX e na LuxSE.

### **Novas iniciativas**

No final de 2023, a AMCM concluiu a construção de um novo “Sistema de Transacções dos Bilhetes Monetários

e Obrigações”, que, através da introdução de procedimentos de compensação automatizados, reforçou a eficiência do processamento das operações, bem como dinamizou o mercado secundário de bilhetes emitidos pela instituição.

Em 2024, a CSD implementou um módulo funcional para a liquidação de fundos em renminbi, oferecendo um regime de “Entrega Contra Pagamento” em tempo real (DvP), alinhado com padrões internacionais.

Segundo a AMCM, esta iniciativa não apenas melhorou a eficiência do sistema de liquidação, mas também proporcionou uma cobertura sistemática para a futura emissão de outros títulos de dívida, incluindo obrigações soberanas e financeiras emitidas por bancos estatais.

À Revista Macau, a AMCM apontou que o mercado de obrigações de Macau se tem expandido progressivamente com a melhoria contínua das infra-estruturas financeiras e a implementação de medidas auxiliares.

“Os tipos de obrigações foram diversificados, abrangendo obrigações soberanas chinesas, obrigações de governos municipais, obrigações de capital de nível 2 e obrigações corporativas. Além disso, estas obrigações são emitidas em várias moedas, incluindo RMB, HKD, MOP e USD”, apontou o regulador financeiro da RAEM.

“A AMCM continuou a avançar com a MCSD nas discussões para cooperação com dois depositários centrais de valores mobiliários internacionais (ICSDs), promovendo uma maior conectividade entre o mercado de obrigações de Macau e o mercado internacional de obrigações”, destaca a AMCM.

A MCSD já é membro, desde 2022, da Associação Internacional de Serviços de Valores Mobiliários (ISSA) e da Sociedade de Telecomunicações Financeiras Interbancárias Mundiais (SWIFT), alinhando o mercado de obrigações de Macau com práticas internacionais.

Adicionalmente, a AMCM é a unidade responsável pela emissão de Números de Identificação Internacional de Valores Mobiliários (ISIN), aumentando a eficiência da emissão de obrigações em Macau.

Abraham Kot, Director-Executivo da A&P Investment Fund Management Company Limited, considera

importante que Macau desenvolva um mercado obrigacionista “com uma visão mais abrangente do desenvolvimento financeiro” da cidade, nomeadamente, que “apoie a indústria de gestão de fortunas”.

Abraham Kot é um dos fundadores do “A&P Macau Patacas Money Market Fund”, o primeiro fundo de investimento em patacas, criado em Macau em meados de 2024.

Segundo a Directora-Executiva do Banco Delta Ásia, Au Lai-Chong, muitos clientes procuram produtos com maiores rendimentos, bem como alternativas de menor risco.

“Actualmente, as taxas de depósito estão relativamente altas, e a tendência parece ser de descida, com os investidores a procurarem alternativas com menor risco”, diz a responsável em declarações à Revista Macau.

“Com a incerteza macroeconómica actual, é importante, enquanto consultores de investimento, aconselharmos os nossos clientes a diversificarem os seus portfólios, não apenas com obrigações, mas também com acções e investimentos alternativos”, acrescenta.

### Mercado lusófono

A interligação das infra-estruturas dos mercados obrigacionistas de Hong Kong e Macau criou um canal que permite que investidores de ambas as regiões participem de forma mais conveniente e eficiente nos mercados obrigacionistas de cada lado.

Aquando do lançamento oficial em Janeiro, Chan Sau San afirmou que a iniciativa “oferece aos investidores internacionais, incluindo dos países de língua portuguesa, um canal conveniente para participar nos mercados obrigacionistas de Hong Kong e Macau, reforçando ainda mais o papel de Macau como ‘Plataforma de Serviços Financeiros entre a China e os Países de Língua Portuguesa’”.

“A AMCM continuará a construir um mercado obrigacionista que ligue o Interior da China ao mercado internacional, promovendo novas áreas de actividades financeiras e apoiando o desenvolvimento económico diversificado de Macau”, salientou o presidente da instituição.



**A AMCM continuará a construir um mercado obrigacionista que ligue o Interior da China ao mercado internacional”**

**CHAN SAU SAN**  
PRESIDENTE DO CONSELHO  
DE ADMINISTRAÇÃO DA AMCM

Macau tem envidado esforços para aprofundar o seu papel como plataforma sino-lusófona para serviços financeiros, visando promover serviços diversificados de investimento e financiamento no âmbito da iniciativa chinesa “Uma Faixa, Uma Rota”.

Em Setembro de 2024, Macau foi palco da “2.ª Conferência dos Governadores dos Bancos Centrais e dos Quadros da Área Financeira entre a China e os Países de Língua Portuguesa”, onde foram discutidas possibilidades de cooperação no sector financeiro.

Na altura, foi noticiado que os bancos centrais de Angola e de Timor-Leste expressaram interesse em emitir dívida pública na RAEM, visando atrair investidores do Interior da China.

“Falámos com o Banco Nacional de Angola e o Banco Central de Timor-Leste. Todos eles estão interessados, mas ainda precisam de estudar as condições”, explicou Lau Hang Kun, membro do Conselho de Administração da AMCM, em comentários aos jornalistas durante a cerimónia de lançamento oficial da rede directa entre Hong Kong e Macau. A mesma responsável realçou que os países lusófonos e os seus investidores poderão utilizar este canal para investir em Macau. ◀



yearbook.gcs.gov.mo

# 2024澳門年鑑

MACAU 2024 - LIVRO DO ANO

MACAO YEARBOOK 2024

中文 / Português / English 電子書 eBook



新聞局  
Gabinete de  
Comunicação Social



LOJA DE CHA "IENG KEI"

英記茶莊

總行

115

7003

英記

雲手江 雀舌 正牡丹 壽眉 壽眉茶 香觀音 鐵觀音 苦丁茶 正牡丹 壽眉 壽眉茶 香觀音 鐵觀音 苦丁茶



Vertical text on the right wall, possibly a license or notice.

## COMÉRCIO TRADICIONAL

# PROMOVER A CULTURA DO CHÁ, MANTER A PUREZA DOS SABORES

Na Loja de Chá Ieng Kei, os aromas da nostalgia impregnam-se nos sentidos. O estabelecimento, com 95 anos de existência, continua fiel às origens: promover a cultura milenar do chá, proporcionando produtos de qualidade

Texto **Cherry Chan**

Fotografia **Cheong Kam Ka**

**P**U'ER, Tieguanyin, Longjing, Xiangpian... A lista prolonga-se, enumerando a variedade de chás chineses que podem ser encontrados na Loja de Chá Ieng Kei, localizada na Rua de Cinco de Outubro e em funcionamento há quase 100 anos.

Ao entrar no estabelecimento, chamam imediatamente a atenção

as fileiras de latas de estanho, em largas prateleiras, guardando diversos tipos de chá. O local está repleto de itens que transmitem uma sensação de nostalgia e tradição: pouco parece ter mudado ao longo das últimas décadas, a começar pela placa lacada a dourado com o nome do estabelecimento. No chão, estão algumas caixas de vidro com molduras de madeira, marcadas pela passagem do tempo, contendo os chás mais vendidos.

Mais do que uma simples bebida, o chá é um símbolo da cultura chinesa, com raízes profundas na tradição

do país. Em Macau, até aos anos 1950, o sector de processamento de chá era relativamente próspero, havendo vários negócios de comercialização de chá espalhados pela cidade.

A Loja de Chá Ieng Kei viu a luz do dia neste contexto. Foi fundada por um tio do actual proprietário em conjunto com alguns sócios, em 1930. “O meu pai tomou conta da loja nos anos 1960. Eu próprio brincava na loja quando era criança e comecei a ajudar no negócio aos 13 anos”, conta Lou Seak Lon, que viria a tomar nas suas mãos os destinos



No estabelecimento, é possível encontrar uma ampla variedade de chás provenientes do Interior da China

do estabelecimento a partir de 2002.

“Recordo-me, quando era jovem, de haver sempre um bule de chá em casa de todas as famílias”, diz. “As pessoas com maiores posses iam às casas de chá para ‘yam cha’ quando recebiam o salário”, um hábito da época, recorda Lou Seak Lon, numa referência à refeição tradicional do sul da China, que mistura pratos diferentes, acompanhados de chá. Daí o seu nome, “yam cha”, significando literalmente “beber chá” em cantonense.

### Mudanças e constâncias

Com a chegada dos anos 1990 e o desenvolvimento industrial da produção e processamento de chá no Interior da China, o sector de Macau acabou por sofrer alterações. Nas palavras de Lou Seak Lon, a indústria de chá local “superou altos e baixos e a Ieng Kei tem vindo a testemunhar esse processo”. “Durante a época áurea do sector, existiam mais de dez lojas de chá

nesta pequena cidade. Depois, apenas algumas resistiram e agora estão a nascer novas casas de chá, em diferentes estilos”, explica.

O actual proprietário recorda que passaram mais de quatro décadas desde a altura em que começou a ajudar o pai na Loja de Chá Ieng Kei. “O tempo passa, o ambiente muda, é impossível encontrar as coisas exactamente iguais às do passado”, admite. Porém, assegura que há algo que se tem mantido constante no estabelecimento: o empenho em disponibilizar produtos de qualidade.

Desde a fundação, a Loja de Chá Ieng Kei obtém os chás que comercializa no Interior da China. Assegurar a qualidade dos produtos não é tarefa fácil, explica o proprietário, visto que vários factores impactam o desenvolvimento destas plantas, desde as condições climáticas ao estado dos solos, passando pela qualidade do ar. “Eu só ofereço aos meus clientes o que acredito ser de alta qualidade”, garante Lou Seak Lon.

Embora o chá seja uma bebida tradicional, com profundas conotações históricas na China, Lou Seak Lon acredita que tem igualmente futuro. “Hoje em dia, as pessoas desenvolvem facilmente pressão arterial alta, colesterol elevado e diabetes. Isso faz do chá – no formato original, sem adição de açúcar – uma bebida natural e saudável.”

Lou Seak Lon diz que a comercialização de chá, para si, é um negócio, mas também uma paixão e uma forma de fazer amigos. É igualmente um esforço pessoal, acrescenta, para ajudar a promover esta forma de cultura tradicional.

Ainda assim, há desafios. Os tufões estão entre os maiores, visto que a Rua de Cinco de Outubro, por se situar numa zona baixa, é uma área historicamente propensa a inundações. No passado, houve casos em que o estabelecimento perdeu vários lotes de folhas de chá, que ficaram inutilizados pela água das cheias. Ainda assim, Lou Seak Lon prefere ver o copo de chá

meio cheio e não tem planos para mudar de local.

### À (re)descoberta do chá

A evolução da sociedade de Macau ao longo das décadas mais recentes também se reflecte na forma como o chá é agora consumido localmente, denota o proprietário da Loja de Chá Ieng Kei. Por um lado, a bebida – no seu formato original – já não faz parte do quotidiano de muitos, em particular nas gerações mais novas. Por outro, a cultura e práticas tradicionais associadas à preparação da bebida ganharam novo fôlego, também como um reflexo da afirmação da identidade chinesa.

“A forma de beber não é mais a mesma do passado”, diz Lou Seak Lon. “As pessoas tendem a ter um conjunto completo de chá, escolhem bules e xícaras de diferentes materiais para combinar com diferentes tipos de chá.” E acrescenta: “Algumas pessoas até elevam a cultura do chá a um nível artístico, demonstrando certas técnicas na preparação e no serviço”.

Como o Instituto Confúcio promove a cultura chinesa no estrangeiro, assim o pode fazer o chá, argumenta o proprietário da Ieng Kei. “Ao verem, experimentarem e compreenderem a cultura do chá, se a considerarem como algo de bom, as pessoas do exterior podem gradualmente vir a adoptá-la”, afirma.

A contribuir para isso está a profissionalização do sector do serviço. Ao contrário do passado, não basta juntar folhas da planta na proporção exacta com água aquecida à temperatura certa. Foram criados padrões de serviço e normas e, no Interior da China, foram introduzidos certificados profissionais, como o de “Especialista em Arte do Chá”.

“Essas qualificações profissionais regulamentadas pelo País também servem para mostrar que o chá pode ser uma área de estudo muito especializada, exigindo um entendimento profundo para ser possível sistematizar e transmitir a cultura do chá a mais pessoas”, nota Lou Seak Lon. “A cultura do chá é algo muito complexo. Saber apreciar chá já é algo impressionante, mas conseguir explicá-lo de forma padronizada e sistemática é extremamente difícil.”

Olhando para o futuro, o proprietário da Loja de Chá Ieng Kei – estabelecimento que completará um século dentro de cinco anos – descomplica. “Como a Ieng Kei já tem 95 anos, espero pelo menos chegar aos 100, para cumprir a minha quota-parte de responsabilidade em relação à loja, como resposta aos esforços do meu tio e do meu pai.”

Por ora, Lou Seak Lon garante estar já contente por ver muitos antigos amigos a regressarem ao estabelecimento após os anos da pandemia da COVID-19. Muitas vezes, mais do que o chá, procuram a conversa: “O chá é algo de natural e pacífico, é muito reconfortante e agradável”, diz. ▲



De acordo com o proprietário, Lou Seak Lon, a Loja de Chá Ieng Kei aposta na qualidade dos produtos

VER VÍDEO AQUI ▶



VINHOS "PREMIUM"

# O DESPERTAR DE

Os vinhos topo de gama produzidos na China estão em alta, com um crescente reconhecimento internacional. À Revista Macau, dois especialistas apontam que, mais do que uma moda, tal reflecte uma evolução consistente – e promissora – do sector vitivinícola chinês

Texto **Viviana Chan**

A REGIÃO de Bordeaux, em França, o Vale do Douro, em Portugal, o Napa Valley, nos Estados Unidos... e Ningxia, na China? Tradicionalmente encarado como um importante mercado de importação de vinhos "premium", a China está agora a trabalhar para se posicionar também como um produtor de relevo neste segmento.

Luís Herédia, fundador e director da Vinomac Lda., empresa de distribuição e importação de vinhos com sede em Macau, é um dos especialistas que têm acompanhado de perto este fenómeno. A Vinomac representa localmente aquele que é um dos mais destacados produtores da Região Autónoma da Etnia Hui de

Ningxia, a Xige Estate, que tem diversos vinhos avaliados com mais de 90 pontos – numa escala até 100 – pela reputada publicação especializada "Robert Parker Wine Advocate".

"Está a haver uma onda de aceitação e de reconhecimento da qualidade do vinho chinês, com o próprio mercado interno a valorizar os seus produtos", afirma Luís Herédia. O especialista nota que as castas de uva Cabernet Gernischt e Marselan estão a tornar-se prevalentes no âmbito da indústria vitivinícola do país, contribuindo para a sua diferenciação e a definição de uma identidade nacional, da mesma forma que a casta Touriga Nacional é associada a Portugal, a Shiraz à Austrália ou a Mallbec à Argentina.





# UM GIGANTE



O também vice-presidente da Confraria dos Enófilos de Macau, que lecciona há décadas cursos relacionados com vinho na Universidade de Turismo de Macau – anteriormente Instituto de Formação Turística –, acredita que a qualidade dos vinhos chineses já atingiu padrões internacionais. Isso reflecte-se nas certificações obtidas ao longo dos últimos anos por vários produtores, bem como num foco na sustentabilidade.

Luís Herédia recorda que

vários vestígios arqueológicos confirmam que a produção de vinho na China remonta há vários milénios. A vitivinicultura moderna no país, no entanto, tem uma história mais curta, com cerca de 140 anos. Só a partir da segunda metade do século XX, especialmente com a modernização e abertura da economia chinesa, iniciadas no final da década de 1970, é que começou a haver um desenvolvimento apreciável no sector. Para tal contribuiu a entrada de grandes empresas internacionais, através de

colaborações com parceiros locais, assim como a chegada de peritos estrangeiros e também um assinalável investimento local.

O especialista destaca a evolução verificada desde então, incluindo a introdução de tecnologia de ponta para elevar os níveis de produtividade, a formação em França e nos Estados Unidos de profissionais especializados e a colaboração com enólogos internacionais. Localmente, o sector universitário passou também a apostar nesta



Instalações da Xige Estate, um dos principais produtores de vinhos da região de Ningxia



Em anos recentes, Macau tem sido palco de diversas competições focadas na promoção dos vinhos “premium” chineses

# 853,3

## mil milhões de renminbi

Valor estimado das vendas  
na China, em 2024,  
do sector dos vinhos  
“premium”, champanhes  
e bebidas espirituosas

área, com o lançamento de cursos ligados à enologia e vinicultura.

“Nos últimos 40 anos, como em todos os sectores na China, o desenvolvimento foi extraordinário”, considera Luís Herédia. “Em particular, no sector agrícola, incluindo no vinho, houve um progresso notável.” Como resultado, o país tem vindo gradualmente a afirmar-se como capaz de produzir vinhos de qualidade mundial, especialmente em regiões como Shandong, Xinjiang e Ningxia, refere.

Para ilustrar esta evolução, o especialista nota a escolha de servir vinho “premium” de produção chinesa ao presidente francês, Emmanuel Macron, aquando das

suas últimas visitas à China. Este gesto, na opinião de Luís Herédia, é emblemático, até porque a França é afamada mundialmente pela qualidade dos seus vinhos, não poucas vezes utilizados como “arma” de “soft power” no campo diplomático.

### Estimular o mercado doméstico

De acordo com o mais recente relatório anual da Organização Internacional da Vinha e do Vinho (OIV), a China era, em 2023, o terceiro país do mundo com a maior área total de vinha: cerca de 756.000 hectares, fruto de um crescimento particularmente acelerado de

2000 a 2015. Para tal contribuíram gigantes locais como a Yantai Changyu Pioneer Wine Co. Ltd. e a China Great Wall Wine Co. Ltd., ambas ligadas à produção de vinho de mesa comercializado a preços relativamente acessíveis.

A China é o maior produtor de vinho na Ásia, com um volume total de 320 milhões de litros em 2023, ficando na 15.ª posição a nível mundial – ainda assim, menos de metade da produção registada em Portugal no mesmo ano e menos de um décimo do que foi então produzido em mercados como a França ou a Itália, de acordo com dados da OIV.

Apesar de uma evolução notável num curto período, os vinhos topo de gama produzidos na China ainda enfrentam desafios. Segundo explica Luís Herédia, o mercado global é bastante competitivo, com uma panóplia de marcas já estabelecidas, especialmente de produtores europeus, mas também de origens como a Austrália, o Chile e a Argentina.

“Os consumidores ainda estão muito ligados aos vinhos franceses, italianos e australianos. Porém, o vinho chinês já tem um nível de qualidade muito elevado e, com o tempo, isso será reconhecido”, acredita, explicando que esse é

um processo que já está em curso.

Um dos principais espaços para os vinhos “premium” chineses crescerem é o mercado doméstico. Embora o país seja um dos maiores consumidores mundiais de vinho em termos absolutos, fazendo parte do top-10 global, com 680 milhões de litros consumidos em 2023, os valores de consumo per capita são relativamente baixos. Os registos mais recentes da OIV apontam para uma média de 0,6 litros por pessoa em 2023, em contraste com países como Portugal, que liderava o ranking, com 61,7 litros anuais per capita. Ou seja, aponta Luís Herédia, existe



A cultura do vinho tem vindo a ganhar adeptos na China



O relevo é um dos obstáculos que os produtores de vinho na China têm de ultrapassar – na imagem, vinhas no Vale do Rio Mekong, na província de Yunnan

uma margem significativa de expansão na China, até porque o país atravessa um momento de alterações no que toca aos padrões de consumo de vinho importado, o que pode ser vantajoso para os produtores locais.

“A China tem cerca de 1,4 mil milhões de pessoas e o consumo de vinho ainda está na fase inicial”, explica. “O mercado está a crescer, mas é um processo que leva tempo.

As pessoas precisam de aprender, entender e incorporar o vinho nas suas vidas e na gastronomia local.”

Ainda assim, o valor actual do mercado chinês no que toca ao segmento dos vinhos “premium” é já bastante atractivo. Segundo um estudo de Outubro passado da consultora Euromonitor International, as vendas do sector para 2024 – incluindo também champanhes e bebidas espirituosas – estavam



“ Está a haver uma onda de aceitação e de reconhecimento da qualidade do vinho chinês, com o próprio mercado interno a valorizar os seus produtos”

**LUÍS HERÉDIA**

ESPECIALISTA EM VINHOS E FUNDADOR DA EMPRESA DE DISTRIBUIÇÃO DE VINHOS VINOMAC LDA.

projectadas atingir 853,3 mil milhões de renminbi, um aumento anual de cerca de três por cento.

**Quantidade e qualidade**

Entre os obstáculos enfrentados pela produção de vinhos “premium” na China está o facto de as principais regiões produtoras se situarem em áreas relativamente remotas, com climas desafiantes.

No entanto, os produtores locais têm feito esforços consideráveis e a capacidade de montar projectos de sucesso e de enfrentar as dificuldades é cada vez mais elevada, refere Luís Herédia. De resto, nos últimos anos, houve uma tendência de consolidação no que toca às empresas

envolvidas no sector, em benefício de projectos de longo prazo e com acesso a maiores recursos.

“Fazer vinho na China não é fácil”, admite o especialista. “Em regiões como Xinjiang e Ningxia, o trabalho necessário para cuidar das vinhas durante o Inverno

– enterrando-as e depois desenterrando-as – é árduo e exige um grande esforço”, diz. “No entanto, isso resulta em vinhos de qualidade excepcional.”

Outra questão prende-se com a localização destas regiões, na parte ocidental da China, longe dos

## Aprender para melhor beber

EDUCADOR na área do vinho, Denver Leong tem sido um dos beneficiados pelo crescimento em Macau do interesse em redor das marcas chinesas. Leong é director da Connoisseur Wine and Spirits Consultancy Co., Ltd, que oferece cursos certificados pelo Wine & Spirit Education Trust (WSET), do Reino Unido.

O responsável aponta que “a China já se tornou no terceiro maior país do mundo” em termos de participantes em cursos WSET, só atrás dos Estados Unidos da América e do Reino Unido, o que reflecte

um grande interesse no que toca à cultura do vinho. Denver Leong nota que, nos últimos anos, o mercado de vinhos “premium” na China tem mostrado uma tendência de crescimento, especialmente em grandes cidades como Xangai e Shenzhen, onde o consumo de vinhos tintos de alta qualidade está a ganhar popularidade.

O responsável observa ainda que o padrão de consumo de vinho “premium” pelos chineses difere do de outros povos. Na China, “o vinho é frequentemente comprado para oferecer como presente e os consumidores preferem compartilhá-lo em restaurantes ou em ocasiões com amigos”, afirma.

Denver Leong defende o potencial dos vinhos “premium” chineses, também em termos da relação qualidade-preço. Para ilustrar o ponto de vista, utiliza o exemplo da marca australiana Penfolds, cuja propriedade na zona de Shangri-la, na província de Yunnan, lançou os seus primeiros vinhos em 2023. Visto que são um produto local, isso torna-os bastante competitivos, refere, mas sem descurar os padrões de qualidade da casa-mãe. ▲



Denver Leong (esq.), educador na área do vinho

grandes centros urbanos chineses. Isso eleva os custos de produção e logística, desde a importação de barris para envelhecer o vinho à introdução de maquinaria pesada especializada.

Depois, há a questão associada à criação de uma cultura local ligada à viticultura e à produção de vinho, que demora gerações a consolidar-se. Luís Herédia sublinha a importância desse património imaterial, até para criar “estórias” em torno de cada marca, que ajudem a criar identidades próprias que possam ser utilizadas para efeitos promocionais.

## 0,6L

Consumo per capita de vinho na China em 2023

“Com uma aceitação crescente por parte das comunidades chinesas no exterior, presentes na Europa, Estados Unidos ou Austrália, os vinhos chineses começarão a ser mais consumidos globalmente”, acredita o especialista. “É um movimento natural: assim como os portugueses em Macau consomem o vinho do seu próprio país, os chineses vão começar a perceber que o vinho da sua terra tem qualidade e

este será cada vez mais procurado.”

A mudança de paradigma está em curso particularmente junto das novas gerações de consumidores, mais abertas a experimentarem coisas diferentes e a procurarem entender as características dos vinhos produzidos na China. De acordo com Luís Herédia, vários produtores locais têm ajustado o perfil dos seus produtos para satisfazer um tipo de cliente que prefere vinhos mais suaves, frutados e com menor acidez. “Os consumidores mais jovens não estão acostumados à acidez e taninos elevados dos vinhos mais tradicionais” da Europa, explica. “Por isso, os produtores chineses têm vindo a criar vinhos mais acessíveis e agradáveis para esses clientes.”

### Crescimento sustentável

Adolphus Foo, fundador da Associação dos Escanções de Macau, partilha o optimismo de Luís Herédia quanto ao futuro dos vinhos topo de gama chineses. “A percepção e a aceitação de vinhos ‘premium’ entre os consumidores chineses passaram por uma transformação fascinante nos últimos anos”, nota.

O especialista acrescenta: “Um dos desenvolvimentos mais empolgantes tem sido o surgimento de empresas vitivinícolas locais que produzem vinhos excepcionais, capazes de competir no palco mundial”, muitos dos quais premiados em competições internacionais.

Com mais de 30 anos de experiência no sector, Adolphus Foo

observa que regiões que eram relativamente desconhecidas da maioria dos apreciadores de vinho há apenas uma década estão hoje em destaque. Por exemplo, conseguem estar representadas nas cartas de restaurantes de luxo um pouco por todo o mundo, um salto notável em termos de prestígio, diz.

“Vários factores-chave impulsionam essa mudança”, afirma, enfatizando o papel dos sommeliers e profissionais do sector, nomeadamente na promoção de vinhos chineses junto dos seus clientes. Macau, em particular, tem vindo a afirmar-se como um ponto de referência nesse campo, com vários resorts e restaurantes de topo a levarem a cabo regularmente degustações exclusivas e eventos destinados a elevar o perfil dos vinhos chineses, incluindo competições.

A isto somam-se iniciativas governamentais por parte das autoridades chinesas e o envolvimento de associações do sector. O especialista acredita que esses esforços têm vindo a estabelecer uma base sólida para o crescimento sustentado deste segmento.

Uma oportunidade referida por Adolphus Foo prende-se com as alterações no comportamento dos consumidores chineses em relação à procura por vinhos “premium” estrangeiros. As novas gerações, em particular, estão a dedicar mais atenção às diversas regiões vinícolas chinesas e respectivas castas, considera. Como observa o especialista, os consumidores mais jovens

estão menos focados no vinho como símbolo de estatuto social e mais interessados em explorar a bebida como forma de prazer hedónico.

Ainda assim, Adolphus Foo admite que a cultura chinesa de oferta de presentes em festivais e ocasiões de negócios continua a ser um aspecto importante em relação ao consumo de vinhos “premium” na China. Destacam-se aqui os vinhos importados, especialmente de França, tradicionalmente valorizados como oferendas de prestígio.



“Um dos desenvolvimentos mais empolgantes tem sido o surgimento de empresas vitivinícolas locais que produzem vinhos excepcionais, capazes de competir no palco mundial”

**ADOLPHUS FOO**  
FUNDADOR DA ASSOCIAÇÃO  
DOS ESCANÇÕES DE MACAU

No entanto, o especialista está otimista quanto à crescente valorização neste âmbito dos vinhos topo de gama chineses, marcando uma alteração cultural significativa. “Essa mudança sublinha o crescente orgulho nos vinhos produzidos localmente e a sua capacidade em competir com marcas internacionais em termos de qualidade e prestígio”, enfatiza.

### Parcerias ‘win-win’

No percurso de ascensão dos vinhos “premium” produzidos na China, é difícil ignorar o papel de investimentos levados a cabo no sector por empresas ocidentais, usualmente em “joint ventures” com parceiros locais. Esse é o caso da empresa vitivinícola Ao Yun, com produção na província de Yunnan, a qual é participada pelo grupo francês de bens de consumo de luxo LVMH Moët Hennessy Louis Vuitton SE. Outro exemplo é a produtora Domaine de Long Dai, localizada na província de Shandong e associada a outro “gigante” francês do sector, o grupo Domaines Barons de Rothschild, responsável por alguns dos vinhos mais conceituados em todo o mundo.

Adolphus Foo explica que o perfil dos vinhos produzidos nestas propriedades é alavancado pelo prestígio das empresas-mãe estrangeiras. Tal, acrescenta, tem desempenhado um papel significativo na reconfiguração das percepções sobre os vinhos chineses.

© WINE MACAU LTD



Por outro lado, esses projectos, ao colocarem o ênfase na singularidade dos “terroirs” da China – isto é, nas suas condições naturais, desde o solo à topografia e clima –, ajudam a definir estilos próprios e a promover o potencial do sector vitivinícola do país.

Apesar dos desenvolvimentos promissores, Adolphus Foo enfatiza que ainda há muito a fazer em termos de “branding” no que





Vários restaurantes de topo de Macau servem já vinhos “premium” produzidos na China

toca às marcas chinesas de vinho “premium”. “Ao contrário de marcas icónicas como o Château Lafite Rothschild ou a Penfolds, muitos produtores chineses carecem do património secular e do poder de contar histórias que daí advém, as quais ressoam junto dos consumidores internacionais”, diz. Construir confiança e criar uma narrativa forte para as respectivas marcas será essencial para que

os produtores de vinhos chineses compitam de forma efectiva no palco global, considera, acrescentando que é necessário também uma maior aposta em marketing, especialmente junto de mercados mais maduros e estabelecidos.

Ainda assim, Adolphus Foo permanece confiante. “O futuro parece promissor para os vinhos ‘premium’ chineses”, afirma. “À medida que os consumidores desenvolverem uma

compreensão mais profunda quanto à produção de vinhos e ganharem maior confiança nas suas preferências, a diferença no que toca às percepções relacionadas com os vinhos domésticos e importados continuará a diminuir.” E conclui: “Essa evolução não só beneficiará os produtores locais, mas também vai enriquecer o panorama global do vinho, ao introduzir estilos e histórias únicas que são distintamente chinesas.”

CHESSMAN ENTERTAINMENT

# MACAU A DAR OS PRIMEIROS PASSOS COMO “CIDADE DE ESPECTÁCULOS”: LAWRENCE CHE

**Lawrence Che Fok Sang**, um dos fundadores da produtora musical Chessman Entertainment & Production Co. Ltd., não tem dúvidas de que Macau tem as bases para se tornar numa “Cidade de Espectáculos”, um dos objectivos do Governo como parte do plano de diversificação económica. Há mais de 20 anos a trabalhar no sector, o também director da Associação Comercial Federal da Indústria de Convenções e Exposições de Macau fala à Revista Macau sobre o que mudou na indústria do entretenimento local

Texto **Stephanie Lai**

## **Como surgiu o interesse pela indústria do entretenimento e como é que isso levou à criação, em 2001, da Chessman Entertainment?**

Este percurso começou quando estava no segundo ano do meu curso universitário – com os meus dois parceiros, Siu Lam [Jones Chong Cho Lam] e Siu Fay [Chui Chi Iong]. Na altura, os dois estavam numa banda chamada “C-Plus”. O Siu Lam e eu estudávamos na Universidade de Macau, enquanto o Siu Fay estava no então Instituto Politécnico de Macau. Na altura, estávamos à frente de um grupo musical [...] e queríamos muito criar a nossa própria música.

Foi nessa altura, durante os nossos anos no ensino superior, que decidimos organizar concursos e concertos de bandas que tinham como requisito composições originais. Nessa altura, os membros mais velhos do grupo musical já realizavam este tipo de

concursos baseados em “covers”; embora também tivéssemos “covers”, optámos então por organizar o primeiro concurso para composições originais. Esta aposta permitiu-nos ganhar experiência em várias áreas, visto que fomos construindo uma rede de contactos com várias entidades ligadas à produção de espectáculos: desde fornecedores de luzes, sistemas de som, patrocinadores, para além de aprendermos a gerir o lado financeiro destes projectos. Portanto, tivemos aí a base para aprender a organizar um espectáculo de forma eficaz com diferentes recursos, incluindo mão-de-obra.

Quando estávamos perto de terminar os nossos estudos universitários, chegámos à conclusão de que seria interessante trabalhar na promoção do panorama musical de Macau, desde a formação de artistas locais à produção musical e gestão de espectáculos,



“Tendo em consideração as políticas do Governo [...], deverá haver cada vez mais interesse de empresas do exterior de Macau em organizar eventos e espectáculos na cidade”

que é o objectivo fundamental desta empresa. Foi assim, de uma paixão comum, que surgiu a Chessman Entertainment.

Passados cerca de dez anos [após a fundação da Chessman Entertainment], deu-se um passo importante, que foi a contratação a tempo inteiro dos primeiros artistas da empresa – que tinham os seus próprios gestores –, e tivemos aqui na empresa produtores musicais e compositores. Ao mesmo tempo, também realizámos eventos, como actividades promovidas pelo Governo de Macau.

Quando começámos, o nosso escritório era a sala de estar da casa do Siu Fay, com um único computador. Fazíamos um pouco de tudo, incluindo o design gráfico para as actividades que organizávamos. Ficámos nesta fase embrionária durante cerca de um ano, até finalmente arrendarmos o nosso escritório, espaço onde ainda estamos após mais de 20 anos.

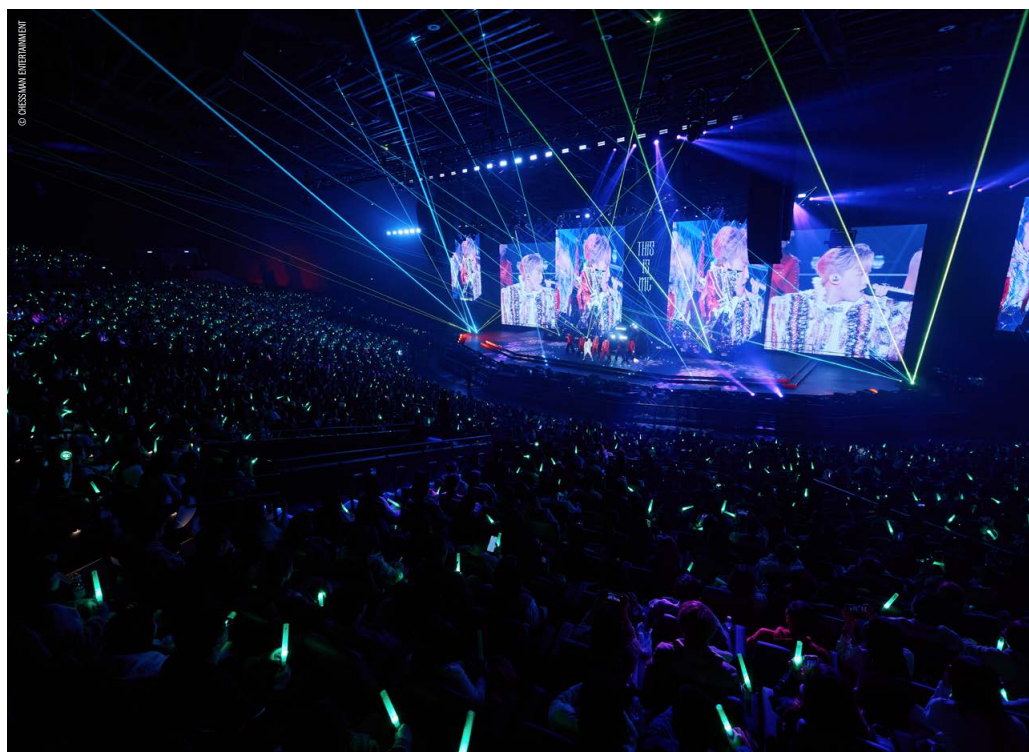
### Qual o papel que assume na estrutura da Chessman Entertainment?

Eu sempre fui o elemento dos bastidores: enquanto os outros dois [Siu Lam e Siu Fay] estavam no palco a cantar, eu desempenhava as funções de gestor, tratando de todos os assuntos relacionados com as actuações deles. No que toca a eventos, eu era o produtor do espectáculo e, por vezes, também o realizador. Este é um trabalho que tenho vindo a fazer há anos e agora já vemos gerações de colegas que também desempenham estas funções [nos bastidores], seja na empresa ou a trabalhar noutra parte desta indústria [do entretenimento].

### Ao longo de mais de duas décadas, quais as principais mudanças que observou na indústria local do entretenimento?

O desenvolvimento do sector esteve sempre ligado ao progresso económico e social de Macau. Logo após arrendarmos o nosso escritório, deparámo-nos com o surto da Síndrome Respiratória Aguda Grave (SARS,

na sigla em inglês), que colocou vários obstáculos à indústria. Na altura, o mercado de entretenimento e lazer não estava diversificado e os nossos clientes eram apenas as instituições governamentais. Portanto, qualquer redução no número de eventos significava que praticamente não tínhamos volume de negócio. Enfrentámos vários desafios até 2006, altura em que estávamos quase sem poupanças e mal conseguíamos pagar a renda do escritório – uma fase em que pensámos extinguir a empresa. Felizmente, optámos por continuar e, no ano seguinte, quando o antigo hotel Crown [Macau] – agora Altira – abriu portas, conseguimos estabelecer um contrato que nos dava alguma segurança. A partir daí, conseguimos dar continuidade ao projecto, que foi crescendo e ganhando nova dimensão. O primeiro concerto organizado pela nossa empresa teve lugar há cerca de dez anos e foi a partir desse momento que assistimos a um progresso mais evidente nesta área dos concertos e espectáculos, passando de um modelo em que os organizadores dos eventos ofereciam quase



Em Fevereiro, a Chessman Entertainment organizou, em Macau, o concerto de Michael Cheung Tin-fu, artista de Hong Kong

a totalidade dos bilhetes até aos dias de hoje, em que as pessoas já pagam pelos seus próprios bilhetes, o que resulta num modelo mais sustentável para a indústria.

Além disso, as empresas de turismo e lazer integrados têm reservado bilhetes para espectáculos em bloco, com base na procura dos seus próprios clientes, como uma oferta complementar, porque precisam de lhes assegurar um leque variado de entretenimento. Claro que, quando se acolhem concertos de artistas internacionais e mais famosos, tal significa que haverá um volume maior de reservas de bilhetes. Isto garante a bilheteira e é, na verdade, o ponto forte da organização de espectáculos em Macau. Por outro lado, tal também é possível actualmente porque a cidade tem agora vários recintos de espectáculos de alto nível e outras instalações de apoio, o que facilita a organização de espectáculos em Macau.

Hoje em dia, durante alguns períodos do ano, há pelo menos quatro a cinco concertos por semana, podendo chegar até oito ou nove durante determinadas

épocas. Isto é um grande contraste com o passado, quando as pessoas precisavam de se deslocar a Hong Kong para assistir a um concerto.

### **A Chessman Entertainment expandiu-se para Hong Kong há cerca de uma década. Como é que esse passo se integrou no desenvolvimento da empresa?**

Há 11 anos, o meu sócio fundou a Chessman Hong Kong. Foi uma boa decisão, no sentido em que conseguimos desenvolver uma boa rede de contactos lá, o que se tornou benéfico e conveniente para os nossos projectos aqui, incluindo a promoção de artistas e a apresentação de alguns espectáculos em Macau.

A criação [da Chessman Hong Kong] aconteceu quando o meu parceiro propôs uma parceria com Bob Lam [um mestre de cerimónias e actor de Hong Kong], depois de termos cooperado em várias ocasiões, nomeadamente na organização de espectáculos dele em Macau, no início da sua carreira. Desde então, a Chessman Hong Kong começou a oferecer serviços de gestão de artistas e organização de eventos, bem como serviços de design e branding, contando actualmente com cerca de 50 a 60 colaboradores. Entretanto, lançámos também a empresa Chessman Online, que providencia principalmente campanhas e estratégias de promoção online a vários clientes.

### **Com o passar dos anos, mais empresas de organização de eventos e promoção de artistas entraram no mercado local. Como é que isso alterou o panorama do sector?**

Nos últimos 20 anos, temos visto várias empresas locais que oferecem serviços semelhantes a surgirem neste sector. Embora o número no mercado local ronde talvez as dez empresas – e a maioria de pequena escala –, penso que é um número bastante adequado, tendo em conta a proporção do mercado e a densidade populacional de Macau.

No futuro, poderá haver empresas de fora de Macau – por exemplo, do Interior da China ou de Hong Kong – que façam parcerias com empresas locais [para a organização de espectáculos].





© CRENS MACAU

Tendo em consideração as políticas do Governo, entre as quais o objectivo de tornar Macau numa “Cidade de Espectáculos”, bem como o facto de as empresas de turismo e lazer integrados terem assumido o compromisso de desenvolver elementos não relacionados com o jogo, deverá haver cada vez mais interesse de empresas do exterior de Macau em organizar eventos e espectáculos na cidade, especialmente pelo facto de se poder chegar a um público mais vasto, como o mercado do Interior da China.

**Após 2019, e durante alguns anos, várias indústrias foram afectadas pela COVID-19. Após o relaxamento das restrições ligadas à pandemia, como foi a recuperação do sector do entretenimento? O que impulsionou o crescimento pós-pandemia?**

O ano de 2019 foi um pico para a indústria local do entretenimento, com a cidade a ser palco de uma série de concertos. Após o impacto durante os anos da COVID-19,

assistimos a um crescimento exponencial em 2023. Em 2024, registou-se também crescimento no sector, embora um pouco mais moderado relativamente ao ano anterior.

Em termos de programação de artistas para os espectáculos, o actual modelo ainda é semelhante ao que se observava no período pré-COVID. A razão pela qual o perfil dos artistas é semelhante é porque o mercado [público] alvo ainda está orientado para o Interior da China.

Por outro lado, visto que o desenvolvimento de elementos não relacionados com o jogo é fundamental na estratégia de diversificação económica, tal acaba por ter impacto na abordagem das empresas de turismo e lazer integrados, que, nesse sentido, procuram criar ofertas que sejam rentáveis e ajudem a desenvolver ainda mais os seus projectos, cumprindo os seus contratos e disponibilizando aos seus clientes um leque de ofertas mais abrangente. Esta abordagem, por sua vez, beneficiou e impulsionou também a nossa indústria.

“Tenho uma visão optimista de que Macau se pode tornar – até certa dimensão – numa ‘Cidade de Espectáculos’ no prazo de dez anos”

Com base nisto, tenho uma visão optimista de que Macau se pode tornar – até certa dimensão – numa “Cidade de Espectáculos” no prazo de dez anos, uma vez que todas as empresas [de turismo e lazer integrados] encaram com seriedade o planeamento e a organização de espectáculos como parte integrante da sua oferta.

**Considera que Macau tem potencial para competir a nível regional e internacional como um destino de espectáculos? O que mais será necessário para atingir esse estatuto?**

Diria que estamos numa “primeira fase”, na qual podemos ver que os concertos e os espectáculos começaram a alavancar outros negócios periféricos, como a produção teatral e as carreiras dos próprios artistas.

Para se chegar à próxima fase – tornando-se numa verdadeira “Cidade de Espectáculos” –, são necessários muitos mais esforços. A nossa sociedade e o próprio sistema educativo ainda consideram o sector do entretenimento e das artes performativas como algo que “não dá dinheiro”. Enquanto esta mentalidade se mantiver, não será fácil conseguir que Macau se desenvolva como uma verdadeira “Cidade de Espectáculos”.

No futuro, Macau poderá tornar-se num lugar como Las Vegas, que acolherá vários espectáculos ricos em diversidade. Mas, no que diz respeito a ser um

lugar capaz de ter influência cultural sobre o resto do mundo – que é o que penso ser o objectivo máximo de uma verdadeira “Cidade de Espectáculos” –, será necessário muito mais em termos locais para o concretizar.

**Macau inaugurou em Dezembro um recinto de espectáculos ao ar livre com capacidade para mais de 50 mil espectadores. Qual a importância deste local para a indústria do entretenimento?**

Este recinto vai ajudar a dar mais visibilidade a Macau como palco para espectáculos de maior envergadura, servindo como um atractivo para os organizadores de eventos na Ásia, uma vez que tem toda uma política governamental de apoio e existem novos locais de espectáculos por toda a cidade. A criação deste recinto ao ar livre não foi um processo fácil, mas o Governo conseguiu identificar o terreno para servir este propósito e investiu para criar as condições necessárias à utilização do espaço. Devemos elogiar este esforço e os objectivos que a iniciativa se propõe alcançar.

**A região vizinha de Hong Kong já tem uma indústria de entretenimento consolidada, sendo um palco para vários eventos internacionais. Considera que a relação entre as duas cidades, no que diz respeito ao sector do entretenimento, é mais de colaboração ou competição?**

Ainda temos muitas pessoas de Hong Kong a trabalhar na indústria de entretenimento de Macau. Francamente, o sector local não conseguiria ainda sobreviver sem Hong Kong, quer estejamos a falar de trabalhadores da indústria ou mesmo de artistas.

A nossa relação, daqui para a frente, deverá estreitar-se ainda mais para que as duas cidades possam, em conjunto, ser promovidas a nível internacional, com vista a atrair mais eventos para esta região. Isto poderá dar às pessoas mais motivos para visitarem as duas cidades numa só viagem, onde os espectáculos servem como apenas um dos elementos para impulsionar o turismo, juntamente com as atracções nas duas cidades e outro tipo de eventos. ◀

RELAÇÕES BILATERAIS

# MACAU, UM ELO ENTRE A CHINA E CABO VERDE

Cabo Verde assinala este ano meio século de independência, tendo estabelecido relações diplomáticas com a China logo em 1976. Macau destaca-se no relacionamento bilateral, tanto através do seu papel como plataforma de cooperação sino-lusófona, como pela presença de uma comunidade local de origens cabo-verdianas, dinâmica e bem integrada

Texto **Marta Melo**

**E**M LINHA recta, são mais de 13.000 quilómetros, mas a distância que separa Macau de Cabo Verde rapidamente se encurta quando contabilizada em léguas afectivas. Pelo menos, assim o é para a comunidade local com origens cabo-verdianas.

A viver em Macau há mais de três décadas, o advogado cabo-verdiano Álvaro Rodrigues considera que as relações entre a região e o país africano têm sido “boas”. A poucos meses de se assinalarem os 50 anos da independência de Cabo Verde – cuja proclamação ocorreu formalmente a 5 de Julho

de 1975 –, o causídico nota que Macau “tem desempenhado um papel importante” nas relações da China não só com o seu país natal, mas também com outros países de língua portuguesa.

Esse papel de plataforma sino-lusófona foi enfatizado pelo Presidente Xi Jinping, durante a sua mais recente visita a Macau, em Dezembro passado, por ocasião do 25.º aniversário do estabelecimento da Região Administrativa Especial de Macau (RAEM). Na altura, Xi Jinping sublinhou o facto de este ser o único local no mundo em que o chinês e o português convivem como línguas

oficiais. Álvaro Rodrigues é espelho dessa singularidade, juntando à língua materna, o português, o domínio do cantonense.

Para Nuno Furtado, delegado de Cabo Verde junto do Secretariado Permanente do Fórum para a Cooperação Económica e Comercial entre a China e os Países de Língua Portuguesa, conhecido como Fórum de Macau e com sede na RAEM, a função da RAEM nas relações entre Cabo Verde e a China tem-se desenvolvido de forma positiva. “Macau tem desempenhado um papel importante no fortalecimento da cooperação em sectores





estratégicos”, diz. Entre as áreas que enumera estão os assuntos financeiros, o turismo, o ensino superior e a medicina tradicional chinesa, bem como a arbitragem e a participação em feiras empresariais internacionais.

A RAEM, enquanto sede do Fórum de Macau, “tem sido uma referência na organização de convenções e eventos, proporcionando a Cabo Verde um espaço privilegiado para promover oportunidades de cooperação e investimento”, nota Nuno Furtado.

Apesar de a cooperação ter já gerado impactos positivos, o representante cabo-verdiano assegura que “há ainda um grande potencial” por explorar. “Com um engajamento mais profundo dos empresários e instituições de Macau, poderemos ampliar as oportunidades nas vertentes económica e social, tornando a relação entre Cabo Verde, Macau e a China ainda mais dinâmica e benéfica para todas as partes”, garante. “Acredito que há espaço para uma actuação mais incisiva de Macau no estímulo

ao comércio, no fomento do investimento privado e no reforço das ligações empresariais”, aponta.

### **Formação como pilar de cooperação**

Um dos sectores em que a cooperação entre a RAEM e Cabo Verde tem obtido frutos mais visíveis é a área do ensino superior. Largas dezenas de actuais quadros cabo-verdianos obtiveram os seus graus académicos em Macau, apoiados por bolsas de estudo atribuídas pela Fundação Macau.



“Temos tido muitos quadros formados em Macau na área do direito, da gestão, da tradução e da administração pública. Isso tem sido muito importante para o desenvolvimento de Cabo Verde”

**ÁLVARO RODRIGUES**  
ADVOGADO CABO-VERDIANO RADICADO EM MACAU

Álvaro Rodrigues é um dos primeiros exemplos fruto dessa cooperação, que também tem beneficiado Macau, visto que, como ele, outros cabo-verdianos que vieram para a cidade para estudar acabaram por aqui se radicar. Actualmente sócio sénior de um dos principais escritórios de advocacia da RAEM, Álvaro Rodrigues saiu de Cabo Verde em 1990 para frequentar a licenciatura em Direito da Universidade de Macau (UM), com uma bolsa de estudo da Fundação Macau.

“Temos tido muitos quadros formados em Macau na área do direito, da gestão, da tradução e da administração pública. Isso

tem sido muito importante para o desenvolvimento de Cabo Verde”, reconhece.

Em Macau, há actualmente cerca de 60 estudantes cabo-verdianos ligados a instituições de ensino superior locais. Nuno Furtado, do Fórum de Macau, afirma que, apesar de esta presença se ter mantido contínua ao longo do tempo, ainda não foi possível regressar aos números verificados em 2019, antes da pandemia da COVID-19.

Dúnia Rocha está a frequentar o terceiro ano da licenciatura em Medicina e Cirurgia da Universidade de Ciência e Tecnologia de Macau (UCTM), contando com o apoio



“Macau tem desempenhado um papel importante no fortalecimento da cooperação [entre a China e Cabo Verde] em sectores estratégicos”

**NUNO FURTADO**  
DELEGADO DE CABO VERDE  
JUNTO DO SECRETARIADO  
PERMANENTE DO FÓRUM DE MACAU

de uma bolsa de estudo da Fundação Macau. “Optei por estudar em Macau pelo facto de ser um local que mantém relações com países de língua portuguesa”, afirma.

Uma das vantagens de estudar na RAEM, aponta, prende-se com a qualidade do sistema de educação, além da possibilidade de beneficiar de uma experiência multicultural. Para Dúnia Rocha, os conhecimentos adquiridos no curso e nas actividades extracurriculares oferecidas pela universidade contribuem para que, no futuro, possa ser uma profissional competente, “podendo assim exercer da melhor forma medicina em Cabo Verde”.

## Cooperação China-Cabo Verde em alta

CONSTRUÇÃO de infra-estruturas. Formação. Captação de investimento. Saúde. São áreas em que se tem destacado a cooperação entre a China e Cabo Verde. Foi em Abril de 1976 que os dois países estabeleceram relações diplomáticas, menos de um ano após a independência de Cabo Verde, a 5 de Julho de 1975.

A cooperação bilateral deu mais um passo no início deste ano. A China assinou um acordo com Cabo Verde, em Janeiro, para apoiar o arquipélago com 200 milhões de renminbi. O montante destina-se a financiar projectos considerados estruturantes, incluindo em áreas como a segurança e a modernização de infra-estruturas administrativas.

“A parceria tem sido marcada por um crescimento contínuo e benefícios mútuos”, afirma Nuno Furtado, delegado de Cabo Verde junto do Secretariado Permanente do Fórum para a Cooperação Económica e Comercial entre a China e os Países de Língua Portuguesa, vulgo Fórum de Macau.

A construção de infra-estruturas é um dos sectores em que a cooperação China-Cabo Verde é mais óbvia. As obras mais emblemáticas incluem a Assembleia Nacional e o Palácio do Governo cabo-verdianos, mas também o novo campus da Universidade de Cabo Verde. No lote de obras edificadas com apoio chinês há ainda escolas, habitação social e infra-estruturas ligadas à saúde, entre outras.

Desde a independência de Cabo Verde, a China “tem sido o principal construtor de infra-estruturas do país”, aponta Odair Barros-Varela, académico da Universidade de Cabo Verde. No último meio século, sublinha o investigador na área das relações internacionais, os laços bilaterais “deixaram marcas significativas” em várias áreas e a parceria “tem sido fundamental para o desenvolvimento de Cabo Verde”.

Na educação, a China tem aberto as suas universidades a estudantes cabo-verdianos, ajudando o país insular na formação de recursos humanos qualificados,



© URBENS ESTERANOS

A China e Cabo Verde assinaram, em Janeiro, um novo acordo de cooperação económica e técnica, no valor de 200 milhões de renminbi

nomeadamente através da atribuição de bolsas de estudo. Já na saúde, uma das vertentes da cooperação tem sido o envio regular de equipas médicas chinesas para o país africano. A primeira chegou em 1984.

Em termos comerciais, a China é um dos principais parceiros do país africano. No ano passado, as trocas comerciais bilaterais atingiram 113,9 milhões de dólares americanos, crescendo 10,3 por cento em termos homólogos, de acordo com dados dos Serviços de Alfândega da China.

Nuno Furtado destaca, como um dos momentos marcantes da relação bilateral, o memorando de cooperação assinado em 2018 no âmbito da iniciativa chinesa “Uma Faixa, Uma Rota”. É aqui que se insere o projecto da Zona Económica Especial Marítima de São Vicente, que está a ser desenvolvido com o apoio da China e que prevê a criação de uma plataforma logística e de serviços de alcance global. Nuno Furtado realça que este é um projecto “estratégico” para a internacionalização do país e para a dinamização da denominada “economia azul”.

Odair Barros-Varela salienta que “Cabo Verde tem uma importância estratégica devido à sua localização geográfica”, que pode servir como um ponto de apoio para rotas comerciais internacionais e para sustentar a presença chinesa em África e no Oceano Atlântico, em consonância com a iniciativa “Uma Faixa, Uma Rota”. ◀

A frequentar o segundo ano da licenciatura em Direito da UM, José Carlos do Rosário considera ter já adquirido em Macau conhecimentos de como interagir com sucesso com pessoas de outras culturas, nomeadamente a chinesa, que lhe “podem ser úteis no futuro”, em termos profissionais. O jovem cabo-verdiano aponta ainda a oportunidade que é dada aos estudantes lusófonos da UM para estágios em escritórios de advocacia da RAEM. “De certa forma, é um ‘networking’ que vamos fazendo”, diz.

No sexto ano do curso em Medicina e Cirurgia da UCTM e perto de completar os seus estudos em

Macau, Elmira Coutinho avalia a experiência de forma positiva, não só pelo contributo para o seu crescimento pessoal e profissional. “Tendo presente que Cabo Verde é um país ainda em processo de desenvolvimento, precisamos de mais pessoas formadas na minha área de estudo e a oportunidade que a Fundação Macau nos dá é excelente para levar novos quadros ao nosso país”, afirma.

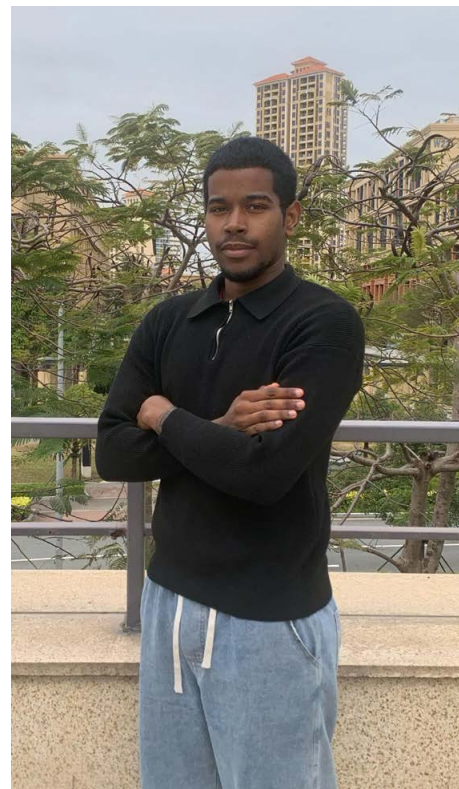
O estudante de Direito José Carlos do Rosário recorda que, ao longo dos anos, vários cabo-verdianos passaram por Macau para estudar, aplicando depois os conhecimentos retirados dessa experiência em prol do desenvolvimento do

país – muitos acabaram por desempenhar cargos de relevo. “Eu planeio fazer o mesmo”, afirma, com aspirações a ser um alto quadro em Cabo Verde.

Um dos exemplos que o jovem aponta é o de Lívio Lopes, antigo ministro da Administração Interna de Cabo Verde, que, nessas funções, regressaria a Macau em 2009. O político cabo-verdiano, falecido no ano passado, licenciou-se em Direito pela UM, tendo sido colega de Álvaro Rodrigues.

### Promoção cultural

A comunidade cabo-verdiana local tem também um papel na



Dúnia Rocha, Elmira Coutinho e José Carlos do Rosário vieram de Cabo Verde para estudar em universidades na RAEM, apoiados por bolsas de estudo da Fundação Macau



“ Já desenvolvemos várias vezes actividades culturais, que passam pela música, exposições de pintura e outros aspectos da cultura de Cabo Verde”

**MÁRIO ÉVORA**  
MÉDICO CABO-VERDIANO RADICADO EM MACAU

divulgação em Macau da cultura do arquipélago, ao abrir portas para os saberes e tradições da nação, mas também ao ajudar na divulgação das oportunidades existentes no país. Uma missão onde ganha destaque a Associação de Amizade Macau-Cabo Verde, fundada há 25 anos, e as participações em eventos anuais como o Festival da Lusofonia, a cargo do Instituto Cultural, ou a Semana Cultural da China e dos Países de Língua Portuguesa, promovida pelo Secretariado Permanente do Fórum de Macau.

“Já desenvolvemos várias vezes actividades culturais, que passam pela música, exposições

de pintura e outros aspectos da cultura de Cabo Verde, mas, e porque temos vários cabo-verdianos nas áreas da economia e do direito, também [contribuímos para a] divulgação das características e das oportunidades que o mercado de Cabo Verde possa ter para investidores de Macau” e do resto da Grande Baía Guangdong-Hong Kong-Macau, aponta o médico cardiologista Mário Évora, antigo director clínico do Centro Hospitalar Conde de S. Januário.

Do lado da sociedade da RAEM, o interesse pelo que se faz em Cabo Verde existe. Em Novembro passado, a cidade recebeu o afamado músico, compositor e cantor

cabo-verdiano Tito Paris, para um concerto especial em parceria com a Orquestra Chinesa de Macau.

A família Évora foi das primeiras com origens cabo-verdianas a fixarem-se em Macau, no final da década de 1940. Embora sem nunca ter vivido em Cabo Verde, Mário Évora assume-se como um embaixador do país africano. “Sempre que tenho oportunidade, levanto essa bandeira”, diz.

“Cada um de nós, cidadão lusófono em Macau, é embaixador do seu país nesse tipo de relações. Tentamos sempre fazer o nosso melhor para bem representar os respectivos países. É isso que se tem feito”, assegura Álvaro Rodrigues.

Mário Évora realça o contributo da comunidade cabo-verdiana, embora esta tenha uma dimensão limitada. “Vai ter efeitos positivos” na relação entre Cabo Verde e a China, afiança.

Já Álvaro Rodrigues defende que, além da vertente cultural, há margem para cooperar noutras áreas. O advogado deposita elevada esperança no novo ministro dos Negócios Estrangeiros, Cooperação e Integração Regional de Cabo Verde, José Filomeno Monteiro, que tomou posse em Outubro passado e desempenhou as funções de cônsul-geral de Cabo Verde em Hong Kong entre 1993 e 2000. “Espero que consiga impulsionar essa relação e capitalizar essa plataforma que Macau pode desempenhar nas relações com Cabo Verde”, sublinha o advogado. ▲

EDUARDO AMBRÓSIO

# FIRMAR OS PÉS EM HENGQIN, COM

O acesso, por parte dos empresários de Macau, a seguros de crédito à exportação pode elevar o intercâmbio comercial sino-lusófono a um patamar inédito, diz Eduardo Ambrósio, acrescentando que a Associação Comercial Internacional para os Mercados Lusófonos quer agora abrir uma representação permanente em Hengqin

Texto **Marco Carvalho**

**A** ASSOCIAÇÃO Comercial Internacional para os Mercados Lusófonos (ACIML) elegeu, no final de Janeiro, os novos corpos sociais para o próximo triénio e, para o mandato que agora se inicia, garantir uma presença permanente na Zona de Cooperação Aprofundada entre Guangdong e Macau em Hengqin é uma das principais prioridades.

Reconduzido no cargo de Presidente da Comissão Executiva da organização, Eduardo Ambrósio espera que a ACIML possa abrir ainda este ano um escritório de representação em Hengqin.

Para o empresário de Macau, a Zona de Cooperação Aprofundada deverá desempenhar um papel cada vez mais relevante no âmbito das relações sino-lusófonas. Na confluência de vários projectos estruturantes de desenvolvimento, Hengqin é, no entender de Eduardo Ambrósio, uma porta aberta para a área da Grande Baía Guangdong-Hong Kong-Macau e um



Eduardo Ambrósio afirma que a ACIML pretende estabelecer este ano um escritório em Hengqin

# A LUSOFONIA NO HORIZONTE



espaço com grande potencial para a agilização efectiva dos contactos comerciais entre empresários da China e dos países de língua portuguesa.

“Vamos estabelecer um escritório em Hengqin. Queremos que as empresas de Macau que estejam interessadas em trabalhar com a Grande Baía e com os países de língua portuguesa possam ter lá uma base”, adianta o dirigente associativo.

Segundo Eduardo Ambrósio, Hengqin “apresenta inúmeras vantagens”. “Por um lado, tem espaço para armazéns e para armazenamento. Em Macau já não há muito espaço para crescimento. Por outro lado, Hengqin facilita as oportunidades de negócio na Grande Baía e o acesso às plataformas de comércio electrónico. É mais fácil fechar um negócio em Hengqin do que em Macau, até porque a maior parte dos empresários chineses só podem entrar na RAEM [Região Administrativa Especial de Macau] duas vezes por mês”, afirma.

Uma representação permanente em Hengqin, sustenta o empresário, pode também ajudar o Fórum para

a Cooperação Económica e Comercial entre a China e os Países de Língua Portuguesa (também conhecido como Fórum de Macau) a cumprir a sua vocação. Eduardo Ambrósio está convicto de que uma presença mais assídua dos delegados dos países lusófonos junto do Secretariado Permanente do Fórum de Macau na Zona de Cooperação Aprofundada pode elevar o intercâmbio empresarial sino-lusófono a um patamar nunca visto.

A presença de um escritório em Hengqin permitiria que os delegados do Fórum de Macau se reunissem com “muito mais frequência com empresários chineses”. “Na minha opinião, isso facilitaria muito os contactos de negócios”, acrescenta.

### Transacções mais seguras

A razão pela qual Hengqin se deverá tornar, no entender do Presidente da ACIML, um ponto nevrálgico no intercâmbio comercial sino-lusófono é, no entanto, outra. A Zona de Cooperação Aprofundada ajudou a dar resposta



Macau tem envidado esforços para promover produtos típicos dos países de língua portuguesa





O crédito contra riscos de exportação poderá ajudar a aumentar o comércio sino-lusófono, diz o empresário

a uma velha aspiração dos investidores e empreendedores da RAEM, um desígnio pelo qual a ACIML se bateu ao longo de duas décadas. Hengqin oferece aos empresários de Macau a possibilidade de finalmente acederem ao seguro de crédito à exportação oferecido pela China Export & Credit Insurance Corporation, também conhecida por Sinosure, empresa com fundos estatais criada com o objectivo de promover o comércio externo e potenciar a cooperação económica internacional.

A medida foi anunciada pela própria seguradora durante a última Conferência Anual da Associação dos Supervisores de Seguros Lusófonos, que decorreu em Macau no final de Outubro de 2024. No entender de Eduardo Ambrósio, este mecanismo vai ajudar a elevar as trocas comerciais e as oportunidades de negócio entre a China e os países de língua portuguesa para níveis inéditos.

“Ao longo dos últimos 20 e poucos anos, os proveitos que os empresários de Macau tiraram da plataforma

não foram muitos. Aproveitámos muito pouco porque em Macau não existe nenhum instrumento de crédito, de seguro de crédito contra riscos de exportação, de maneira que, nós, os empresários de Macau, se queríamos exportar para os países de língua portuguesa, tínhamos de o fazer por nossa conta e risco”, recorda Eduardo Ambrósio.

“O que foi acordado com a Sinosure é que, se estabelecermos uma empresa em Hengqin, podemos garantir a cobertura das nossas exportações a partir da China para os países de língua portuguesa. É uma boa notícia para nós, para os nossos associados. É algo que nos ajuda muito, porque reduz o risco dos exportadores e, ao mesmo tempo, podemos convencer os países de língua portuguesa a usar o renminbi para os pagamentos”, complementa o Presidente da ACIML.

A mudança de paradigma, sustenta o empresário, foi acolhida com grande entusiasmo pelos associados da ACIML, para quem a medida abre novas janelas

de oportunidade. O próprio Eduardo Ambrósio, que importa café de Timor-Leste e exporta para Angola motorizadas, produtos farmacêuticos e produtos hospitalares, revela que poderá vir a explorar novos filões de negócio, até porque, diz, o apetite por produtos “made in China” na África lusófona é insaciável.

### Riscos reduzidos

De acordo com o dirigente associativo, a Sinasure “é a maior companhia seguradora de exportações do mundo, e, além de financiar exportações, também financia projectos”. “Temos sócios que agora começam a fazer projectos em Angola, em Moçambique, na Guiné-Bissau. Há projectos em vários domínios. Há negócios no ramo da indústria têxtil, das motorizadas e dos medicamentos”, exemplifica.

“Esta é a altura oportuna para promovermos Macau verdadeiramente como uma plataforma e de alinharmos a RAEM e os países de língua portuguesa com a Grande Baía. Com o acesso ao seguro de crédito à exportação, podemos assumir o estatuto de agentes das empresas chinesas. Pagamos os produtos directamente às empresas e exportamos por conta própria com cobertura da Sinasure, de maneira que as empresas ficam em vantagem, porque recebem o pagamento de imediato, em vez de receberem o pagamento através de Angola ou de Moçambique. Nós pagamos aos fabricantes, mas, graças ao seguro da Sinasure, o risco em que incorremos também diminui muito. E mais a mais, estamos a tentar convencer os empresários de Angola a fazer negócios com o renminbi”, reitera Eduardo Ambrósio.

Fundada em 2002, antes ainda do Fórum de Macau ter sido criado por iniciativa do Governo Central, a ACIML procurou, desde a primeira hora, afirmar-se como “centro de apoio ao comércio internacional e ao fomento da cooperação entre os agentes económicos que operam nos mercados lusófonos”. O propósito está inscrito nos próprios estatutos da organização e traduz-se, em termos efectivos, na participação em feiras, missões, seminários ou em outras concretizações de natureza comercial, mas também na promoção do

“Esta é a altura oportuna para promovermos Macau verdadeiramente como uma plataforma e de alinharmos a RAEM e os países de língua portuguesa com a Grande Baía”

#### EDUARDO AMBRÓSIO

PRESIDENTE DA COMISSÃO EXECUTIVA DA ASSOCIAÇÃO COMERCIAL INTERNACIONAL PARA OS MERCADOS LUSÓFONOS

português como língua de negócios. Uma das iniciativas mais populares fomentadas pela associação é a organização de um curso de português para negócios, em colaboração com o Centro de Produtividade e de Transferência de Tecnologia de Macau (CPTTM).

“Em Macau, há muitas pessoas que estão a aprender português, muitas mais do que antes do retorno, mas o problema é que estão a aprender português, mas não é português comercial. Não é o português para fazer negócios. A nossa associação tem vindo a colaborar com o CPTTM para oferecer um curso de português direccionado para essa dimensão”, diz o dirigente. “Este curso foi criado há quase 20 anos e os alunos são, na sua maioria, adultos que aprendem português em horário pós-laboral. São empregados bancários, funcionários e empresários que querem aprender a língua portuguesa para conduzirem negócios com mais facilidade com os países lusófonos”, explica.

Na perspectiva de Eduardo Ambrósio, também o Governo poderá fomentar o ensino do português comercial. Um melhor domínio linguístico técnico por parte dos empresários locais seria uma vantagem nos negócios com os países de língua portuguesa, considera. ◀



◀ VER VÍDEO AQUI



Leia esta e outras edições  
no website da **Revista Macau**



[www.revistamacau.com.mo](http://www.revistamacau.com.mo)

App da Revista Macau disponível em:



**Macau** 澳門

RETROSPECTIVA DE ARTE MODERNA E CONTEMPORÂNEA

# QUATRO DÉCADAS DE EVOLUÇÃO

A exposição “Novas Perspectivas: Obras Modernas e Contemporâneas do Museu de Arte de Macau” reúne peças de diversos artistas locais, jovens e veteranos, e de diferentes proveniências e estilos. A mostra não só traça um mapa da evolução das artes plásticas em Macau desde os anos 1980, como também aponta caminhos para o futuro

Texto **Vitória Man Sok Wa**

Fotografia **Cheong Kam Ka**

**É** UMA espécie de “best of” local dos últimos 40 anos, em versão artes plásticas. Estão lá representados grandes nomes, como os pintores Carlos Marreiros ou Lai Ieng, não faltando artistas já incontornáveis de gerações mais recentes, como a escultora Fan In Kuan ou o ilustrador Eric Fok Hoi Seng. A exposição “Novas Perspectivas: Obras Modernas e Contemporâneas do Museu de Arte de Macau” está patente ao público até 25 de Maio e promete uma imersão profunda na evolução artística local desde a década de 1980, destacando a mistura única entre as culturas oriental e ocidental que caracteriza a cena criativa da cidade.

Noah Ng Fong Chao, o curador da mostra, explica: “Desde o regresso de Macau à pátria há 25 anos, a cidade tem-se tornado num ponto de encontro cultural,



# DA ARTE DA CONVIVÊNCIA

A mostra "Novas Perspectivas" apresenta uma seleção de 100 peças, da autoria de mais de 50 artistas



atraindo artistas de todo o mundo. Esta exposição reflecte essa diversidade e riqueza cultural, mostrando como a arte pode transcender fronteiras e trazer novas perspectivas”.

Cerca de metade dos artistas representados na mostra, que ocupa dois andares do Museu de Arte de Macau (MAM), têm menos de 45 anos, nota Noah Ng. Segundo o curador, estes evidenciam-se por explorar novos meios de expressão e técnicas artísticas, desafiando convenções.

Entre os destaques está a obra de Zhang Ke, artista do Interior da China radicada em Macau, cujas composições em madeira em exibição abrem uma nova dimensão, para os visitantes, no que toca à arte contemporânea local. Inevitavelmente, o artista russo Konstantin Bessmertny, a viver há décadas na cidade, está também representado na exposição. Outro “imprescindível” é o australiano Denis Murrell, com um percurso artístico a nível local que se prolonga por mais de 30 anos.

### **Amálgama de influências**

Segundo refere Noah Ng no prefácio que acompanha a exposição, “em termos da história da arte recente, a cena artística de Macau começou no início dos anos 1980”. Antes deste “acordar” para a arte moderna e contemporânea, o panorama local era sobretudo dominado por obras de cariz mais tradicional, particularmente influenciadas por artistas que chegaram à cidade durante a Segunda Guerra Mundial, como refugiados, vindos de locais como Hong Kong ou Guangzhou.

Nos anos 1980, a arte abstracta começa a florescer em Macau, pela mão de artistas provenientes do Interior da China e de Portugal, juntando-se a artistas macaenses e chineses locais. De acordo com os textos que acompanham a exposição, “esta amálgama de influências e perspectivas conduziu ao desenvolvimento da expressão abstracta em Macau, onde alguns artistas, enquanto perpetuavam o espírito da pintura tradicional, também criaram nova arte a tinta-da-china, com tons e formas diversificados, e com técnicas abstractas”.





"Ruínas de S. Paulo (1)", de Mak Kuong Weng

As autoridades locais desempenharam um papel de relevo nesta emergência da arte moderna e contemporânea, dando uma crescente importância à promoção artística. Merece relevo a organização, em 1984, da primeira “Exposição Colectiva dos Artistas de Macau”, a que se seguiram outras edições, que contribuíram em grande medida para a evolução das artes plásticas na cidade, funcionando também como forma de reconhecimento e encorajamento dos artistas locais.

Outro contributo importante foi a criação da Academia de Artes Visuais em 1989, antecessora da actual Faculdade de Artes e Design da Universidade Politécnica de Macau. Estabelecida pelo Instituto Cultural, a academia é considerada por muitos a primeira escola de artes moderna da cidade, tendo tido como director-fundador o artista português Nuno Barreto, que veio para Macau com o propósito expresso de lançar o projecto, e tendo como vice-director o pintor Mío Pang Fei, do Interior da China e então radicado em Macau, ambos, entretanto, já falecidos.

O espaço disponibilizava diversos cursos, incluindo de pintura, desenho, escultura e serigrafia. Por lá passaram, como formadores, personalidades como o escultor português João Cutileiro, desempenhando um papel crucial na formação daquela que pode ser considerada a primeira geração de artistas modernos “made in Macau”.

### **Espólio único**

A mostra “Novas Perspectivas” apresenta uma selecção de 100 peças, da autoria de mais de 50 artistas. Além de uma forte presença de criadores nascidos em Macau, há também obras de artistas do exterior, mas que viveram ou vivem na cidade. Os trabalhos em exposição, parte da colecção do MAM, abrangem vários estilos criativos, incluindo aquarela, pintura a óleo, tinta-da-china, gravura, fotografia, instalação e técnica mista.

A colecção do Museu é, provavelmente, a mais rica no que toca a documentar a evolução artística

local – e não apenas em relação aos períodos moderno e contemporâneo. O acervo é fruto de um trabalho prolongado no tempo, tendo tido início ainda antes da criação, em 1999, do MAM.

A base da colecção foi herdada do antigo Museu Luís de Camões, sob a tutela do então Leal Senado de Macau. A partir desse espólio, o património do MAM cresceu significativamente, através de diversos meios, como encomendas, aquisições e doações, contando o Museu agora com vários milhares de peças.

A equipa fundadora do MAM, incluindo Noah Ng, desempenhou um papel decisivo no lançamento dos alicerces para a colecção do MAM. Por exemplo, Ng, seleccionado em 1998 para uma formação em restauração de arte em Guangzhou, foi responsável por integrar as obras do acervo do antigo Museu Luís de Camões na colecção do MAM aquando da abertura deste.

### **Atracção e inclusão**

O curador sublinha que a arte moderna e contemporânea em Macau não se teria desenvolvido da mesma forma sem a influência do exterior. Artistas de outras paragens foram-se estabelecendo em Macau, de forma mais ou menos permanente, criando elos com os criativos locais, sejam de origem chinesa, macaense ou portuguesa.

“Embora o número de artistas estrangeiros em Macau não seja grande, o seu impacto na cena artística local é significativo”, diz Noah Ng. “Artistas portugueses, russos, australianos e de outras nacionalidades encontraram na cidade um ambiente propício para a expressão criativa.”

“Um dos aspectos mais notáveis de Macau é a sua sociedade inclusiva”, continua. “Quando esses artistas aqui chegam, não só encontram uma cidade que aprecia e valoriza a arte, mas também uma comunidade que está disposta a abraçá-los como parte integrante da sua identidade cultural.”

Segundo o curador, essa integração fácil é benéfica não apenas para os artistas do exterior, mas também para os artistas locais, “que têm a oportunidade de aprender com as diferentes técnicas e perspectivas trazidas pelos seus colegas estrangeiros”.





“A ideia central [da mostra] é que os visitantes possam, através das obras expostas, entender o papel que Macau desempenha como ponto de encontro entre culturas e como isso se manifesta na produção artística”

**NOAH NG FONG CHAO**  
CURADOR DA EXPOSIÇÃO

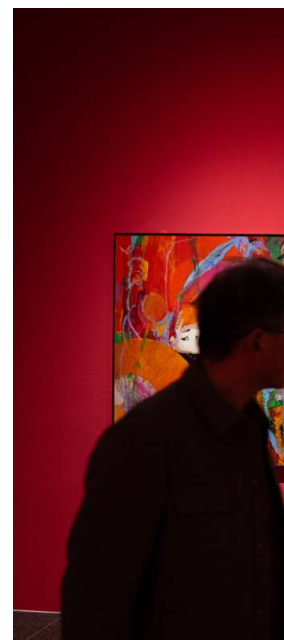
Como exemplo marcante, Noah Ng destaca o artista australiano Denis Murrell, que chegou a Macau em 1989 para ensinar inglês, e acabou por se apaixonar pela cidade e se integrar na sua cena artística. “Denis Murrell, tal como outros artistas estrangeiros, foi rapidamente acolhido pela comunidade local e passou a ser considerado um artista de Macau. A sua experiência demonstra como a cidade pode ser um local de enriquecimento mútuo, onde a troca de ideias e influências culturais é constante”, refere Noah Ng.

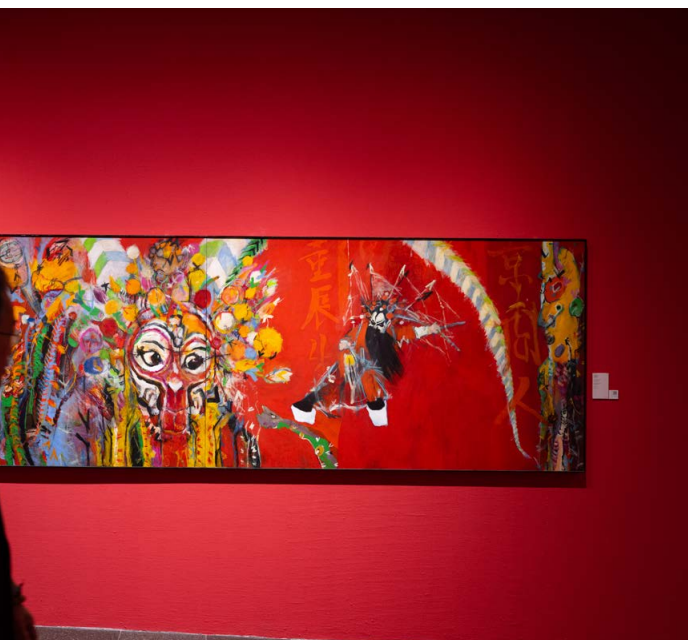
#### **Diálogo entre gerações**

Na exposição “Novas Perspectivas”, é possível apreciar o trabalho de três gerações de criativos locais.

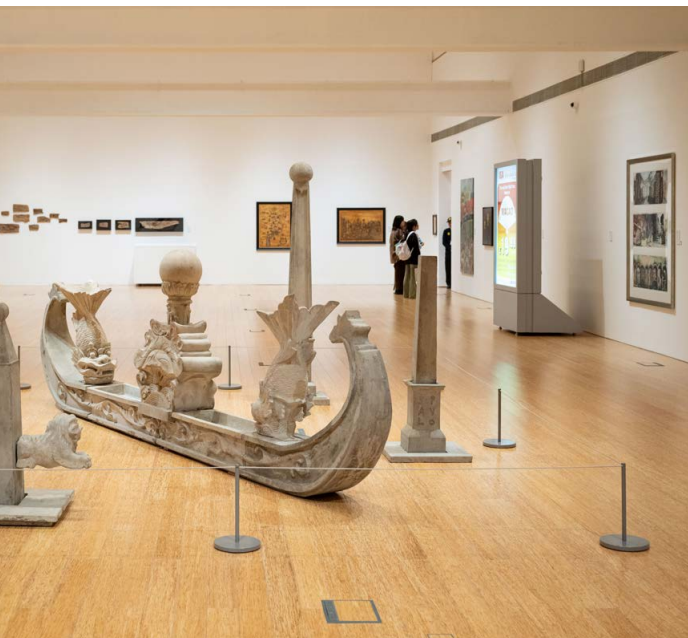


“Séries do Paraíso”, de Eric Fok Hoi Seng





“Ópera Chinesa”, de Carlos Marreiros



A instalação “Gôndola de Macau”, dos irmãos André Lui Chak Keong e Lui Chak Hong, representou Macau na edição de 2007 da Exposição Internacional de Arte da Bienal de Veneza

Nos anos 1980, o panorama cultural de Macau começou a integrar obras de artistas vindos de Portugal e então a viver no território. A mostra inclui várias peças dessa época, demonstrando a influência europeia na arte contemporânea de Macau.

É também destacado o papel do Círculo dos Amigos da Cultura de Macau, fundado em 1985, cujos membros foram, nos anos 1980, pioneiros da cena artística contemporânea da cidade, através de uma exploração inovadora das linguagens visuais e de experiências com diversos materiais.

Após o retorno de Macau à pátria, em 1999, iniciou-se um novo capítulo na história da arte local. “A melhoria nas condições de vida permitiu que muitos jovens nascidos nas décadas de 1980 e 1990 tivessem acesso a estudos de arte no exterior, como na Austrália, Reino Unido, Estados Unidos, Taiwan e Interior da China”, assinala Noah Ng. “Esta geração de artistas, com formação internacional, trouxe uma nova força e vitalidade para a arte contemporânea de Macau.”

Segundo diz o curador, os jovens artistas têm mostrado uma “capacidade notável” de inovação. “Influenciados por novas formas de educação artística, não têm medo de desafiar as normas estabelecidas e explorar novas formas de expressão. Esse espírito inovador é evidente na diversidade das suas obras, que vão desde o abstracto até ao conceptual, reflectindo a complexidade das suas experiências e emoções.”

Noah Ng destaca que a exposição “Novas Perspectivas” foi estruturada de maneira a proporcionar aos visitantes uma experiência similar à de um turista que explora as paisagens de Macau. As obras foram organizadas para que, ao percorrer a mostra, o público consiga sentir a fusão cultural entre Oriente e Ocidente que define a cena artística da cidade.

“A ideia central é que os visitantes possam, através das obras expostas, entender o papel que Macau desempenha como ponto de encontro entre culturas e como isso se manifesta na produção artística”, explica o curador. ◀

DANÇA DE RUA

# REBEL Z À CONQUISTA DE

Foi a primeira equipa composta por elementos de Macau a competir nas prestigiadas finais do “World of Dance”. Com o grupo “Rebel Z”, Jarvis Mo concretizou um dos seus sonhos e confirmou o que há muito já sabia: os dançarinos de Macau podem competir contra os melhores do mundo. O objectivo agora, diz, é inspirar uma nova geração de talentos



# PALCOS INTERNACIONAIS

Texto **Tony Lai**

**Q**UANDO Jarvis Mo começou a dar os primeiros passos no mundo da dança de rua, em 2012, já tinha um sonho bem presente: representar Macau no palco internacional. Ao ver vídeos de competições internacionais, como o “World of Dance”, o então aspirante a dançarino ficou mesmerizado. “Fiquei cativado pela demonstração de talento e habilidade dos concorrentes”, diz Jarvis Mo em entrevista à Revista Macau. “Nessa altura, pensei que seria incrível se pudesse participar nesta competição de renome internacional.”

Mais de 12 anos depois, Jarvis Mo, agora um talentoso coreógrafo, bailarino e proprietário de um estúdio de dança, transformou o sonho em realidade. Em Julho de 2024, liderou o colectivo “Rebel Z”, um grupo de dança local composto por 21 elementos, nas finais do “World of Dance” em Los Angeles, nos Estados Unidos da América. O feito, que marcou a primeira vez que um grupo de Macau participou nas finais da prestigiada competição internacional, redundou num

14.º lugar entre 52 equipas compostas por alguns dos maiores talentos mundiais da dança.

“Assim que terminámos a nossa participação, o meu primeiro pensamento foi que os bailarinos e coreógrafos de Macau podem competir contra os melhores a nível internacional”, afirma Jarvis Mo. “Somos igualmente capazes.”

A conquista, porém, não foi fácil: foi o resultado de anos de treinos, tentativas e erros, sacrifícios e, acima de tudo, uma determinação inabalável, conta o coreógrafo.

## Competir para crescer

Jarvis Mo fundou o grupo “Rebel Z” em 2019, reunindo 11 dançarinos locais que partilhavam a mesma paixão pela dança de rua e o desejo de aprimorar os seus estilos. “Quando começámos este grupo, queríamos estar livres de restrições e acompanhar o que de melhor se fazia pelo mundo fora”, diz o coreógrafo, agora com 32 anos.

Desde o início, a equipa comprometeu-se com uma rotina regular de treinos e participou em competições locais e regionais como forma de testar as suas habilidades. “As competições dão-nos feedback

instantâneo sobre onde estamos e o que precisamos de melhorar”, explica Jarvis Mo. “É muito simples – através da competição com outras equipas e dos contributos dos juízes, aprendemos e crescemos.”

A primeira competição, realizada em Shenzhen, em 2019, produziu resultados modestos. Mas, através do treino e do espírito de união, o grupo “Rebel Z” começou a crescer e a atrair novos dançarinos. Em 2020, o colectivo conquistou o primeiro troféu de relevo na competição local “May We Dance”, consolidando a reputação do grupo no panorama da dança de Macau. A pandemia da COVID-19, no entanto, interrompeu o ritmo de crescimento do grupo, devido às restrições às viagens e ao cancelamento de eventos, que limitaram as oportunidades de competir.

Mas nem isso desmotivou os dançarinos, salienta Jarvis Mo. O grupo continuou a treinar regularmente e a aperfeiçoar as técnicas e os estilos, com 2023 a marcar o arranque de um novo ciclo. O “Rebel Z” rapidamente voltou a atenção para as eliminatórias do “World of Dance” realizadas em Hong Kong nesse mesmo ano. A prestação valeu-lhes um terceiro lugar, garantindo uma cobiçada vaga para as



Além da dança, Jarvis Mo revela também uma paixão pela coreografia

finais da competição em Los Angeles, em Julho do ano passado.

### Sonhos e sacrifícios

Em plena preparação para a competição em Los Angeles, os membros do “Rebel Z” realizaram duas sessões de treino por semana. Porém, coordenar as sessões não foi tarefa fácil para uma equipa de 21 elementos em que apenas Jarvis Mo se dedica a tempo inteiro, tanto na pele de coreógrafo, como de dançarino.

“A maioria dos nossos dançarinos tem empregos a tempo inteiro, como professores, enfermeiros ou funcionários públicos, e alguns são estudantes”, explica o líder do

“Rebel Z”. “Foi um desafio reunir todos para praticar porque todos estavam ocupados com os seus afazeres do dia-a-dia.”

As sessões semanais de treino tinham de ser realizadas à noite, começando por volta das oito da noite, até para lá da meia-noite. Além das horas de treino, os membros do “Rebel Z” tiveram de gerir os seus compromissos profissionais com uma viagem ao outro lado do mundo para competir nas finais. “Alguns deles tiveram mesmo de tirar uma licença não remunerada”, acrescenta Jarvis Mo, enfatizando os sacrifícios feitos pela sua equipa.

Esses sacrifícios também se fizeram sentir no bolso, confessa o

coreógrafo. Sem patrocínios ou outro tipo de financiamento externo, toda a equipa teve de suportar o encargo financeiro da participação num evento internacional desta dimensão. O custo total, avança Jarvis Mo, atingiu as 700 mil patacas, cobrindo as taxas de inscrição na competição, voos, alojamento, alimentação, cursos de formação, entre outros.

Para que fosse financeiramente possível, Jarvis Mo destaca como o plano teve de ser preparado meticulosamente com antecedência, num sonho que começou a ser construído vários anos antes.

Entre 2017 e 2019, o dançarino diz ter trabalhado incansavelmente



O “Rebel Z” tornou-se no primeiro grupo de dançarinos de Macau a competir nas finais do “World of Dance” em Los Angeles

para poupar dinheiro, participando em inúmeros espetáculos comerciais e dando aulas de dança em Macau e nas regiões vizinhas. “A minha agenda era apertada na altura”, recorda. “Por norma, trabalhava e treinava das sete da manhã até às duas da manhã do dia seguinte. Foi difícil, mas permitiu-me amealhar os recursos [financeiros] que precisava para conseguir alcançar os meus objetivos”, sustenta.

### Os bons rebeldes

Mais importante ainda, destaca Jarvis Mo, foi o facto de os outros 20 membros do grupo estarem

igualmente empenhados numa visão partilhada: brilhar no palco do mundo da dança. “É realmente uma loucura termos conseguido este feito”, admite Jarvis Mo. “Claro, temos noção de que a participação nesta competição global não tem efeitos práticos, porque não há retorno financeiro ou material e a maioria das pessoas em Macau nem sequer compreende ou dá valor ao que conquistámos.”

No meio desta odisséia, o espírito rebelde da equipa manteve-se fiel ao nome do grupo, defende o fundador. “Somos bastante rebeldes na perseguição dos nossos sonhos”, garante Jarvis Mo. “Nunca uma equipa composta apenas por

elementos de Macau tinha participado nas finais do ‘World of Dance’ e nós queríamos e conseguimos mudar isso”, realça.

Criado em 2008, o “World of Dance” evoluiu de um único evento em Los Angeles para uma competição de renome mundial. As equipas são avaliadas por um painel de celebridades do mundo da dança, profissionais da indústria e influenciadores, de acordo com cinco critérios principais: desempenho, técnica, coreografia, criatividade e apresentação, com uma pontuação total de 100 pontos.

Competindo com alguns dos melhores talentos mundiais nas finais em Los Angeles, o “Rebel Z”

garantiu o 14.º lugar, ficando apenas a 5,5 pontos da equipa campeã e a apenas um ponto da oitava classificada. “Estes resultados demonstraram o quão competitivas foram as finais, bem como a nossa capacidade de estar entre os melhores”, diz Jarvis Mo. “Alguns dos concorrentes eram dançarinos e coreógrafos de classe mundial

que até tínhamos convidado anteriormente para masterclasses em Macau, mas conseguimos vencê-los nas finais”, recorda o fundador do “Rebel Z”.

O grupo recebeu também feedback valioso dos membros do júri, que elogiaram a coreografia e o conceito criativo apresentado na competição. “Em termos de ideias,

experiência, atitude e criatividade, estávamos ao mesmo nível de outros dançarinos e coreógrafos de classe mundial”, afirma Jarvis Mo. “Mas onde ficámos aquém dos outros concorrentes foi na aptidão física, flexibilidade e potência explosiva. Estes atributos permitem que outros dançarinos executem técnicas mais avançadas e dinâmicas”, explica.

Jarvis Mo ficou também impressionado com a diversidade e origens dos elementos dos principais concorrentes, visto que a equipa campeã não era composta inteiramente por dançarinos profissionais. “Alguns eram advogados e médicos”, revela o coreógrafo de Macau. “Todos assumiam que eram dançarinos a tempo inteiro porque eram excepcionais, mas acontece que apenas o seu coreógrafo era bailarino profissional. Isto sublinha um ponto importante: mesmo com recursos limitados, os dançarinos de Macau conseguiram atingir



© WONG SUI HUAN

“Espero liderar uma equipa de Macau capaz de terminar entre os três primeiros classificados no ‘World of Dance’ nos próximos cinco anos”

**JARVIS MO**  
FUNDADOR DO GRUPO REBEL Z



o auge do mundo da dança”, sublinha Jarvis Mo.

### Metas mais ambiciosas

Após um período de retrospectão, Jarvis Mo diz ter agora uma nova missão: “Através da competição [em Los Angeles], identifiquei áreas onde podemos melhorar”, afirma. “Nos próximos um ou dois anos, quero concentrar-me em refinar estes aspectos antes de nos desafiarmos novamente.”

Mas as ambições são ainda maiores, com Jarvis Mo a estabelecer um objectivo mais ousado: “Espero liderar uma equipa de Macau capaz de terminar entre os três primeiros classificados no ‘World of Dance’ nos próximos cinco anos”.

Outro projecto importante este ano é a criação de vídeos de dança em locais icónicos dos bairros de Macau. Estes vídeos vão integrar a dança de rua na vida quotidiana dos residentes, ao mesmo tempo que lhes vão mostrando ambientes familiares. “Esta iniciativa pode ajudar a promover as comunidades locais e a cultura da dança junto do público em geral”, explica.

Com estes esforços, Jarvis Mo espera também inspirar a próxima geração de dançarinos locais e transformar o panorama da dança de Macau. Este ano, o estúdio de dança planeia acolher pelo menos duas apresentações públicas para estudantes, proporcionando plataformas para apoiar jovens talentos



Manter uma rotina de treinos é um dos principais desafios, uma vez que os membros não são dançarinos profissionais

locais. “Pretendo também ajudar e encorajar mais bailarinos locais a aventurarem-se no estrangeiro, a envolverem-se em intercâmbios com colegas de outras regiões, a participarem em competições e a promoverem o seu perfil a nível internacional”, avança o coreógrafo. “Depois das finais do ‘World of Dance’, penso menos no que posso alcançar pessoalmente e mais nas mudanças que posso trazer para apoiar os jovens dançarinos e estudantes”, acrescenta Jarvis Mo.

O coreógrafo lembra que a sua própria carreira o levou a vários outros locais para performances, treinos, competições e intercâmbios culturais, incluindo ao Interior da China, a Hong Kong, Taiwan, Filipinas, Japão, Coreia do Sul, Portugal, Polónia e Estados Unidos.

“Estas experiências no exterior alargaram os meus horizontes”, reflecte. “Tive a oportunidade de explorar e apreciar diferentes formas de arte para além da dança de rua, como artes visuais, música, filmes e muito mais”, sublinha.

Para Jarvis Mo, a dança de rua é mais do que uma performance: é uma expressão cultural e artística. “A dança de rua faz parte da nossa cultura e a cultura enriquece-se através de trocas”, explica. “Os estilos de dança de rua variam de lugar para lugar, reflectindo os estilos de vida e os apelos únicos de cada região. Visitar outros locais, aprender sobre a sua dança de rua e cultura e trazer esse conhecimento de volta para Macau pode melhorar significativamente o panorama da dança de rua em Macau”, conclui. ▲

SELECCIONADOR DA RAEM

# KENNETH KWOK QUER FUTEBOL SEMIPROFISSIONAL

Uma nova era no futebol de Macau pode estar a despontar com a entrada de um novo responsável pela selecção principal. Kenneth Kwok vem de perto, de Hong Kong, e traz muitas ideias para tentar mudar mentalidades e acabar com o amadorismo na modalidade

Texto **Vítor Rebelo**

Fotografia **Cheong Kam Ka**

**S**EMIPROFISSIONALIZAR o futebol da Região Administrativa Especial de Macau (RAEM) e conseguir que a selecção passe as eliminatórias para passar à fase de grupos na Taça Asiática são dois projectos que o novo seleccionador, Kenneth Kwok Kar-lok, pretende concretizar.

O treinador, natural de Hong Kong, mas com uma “costela” macaense, quer incutir nos jogadores uma mentalidade mais ambiciosa, com o objectivo de melhorar a qualidade da equipa e subir no ranking do futebol asiático.

Kenneth Kwok, que completa este mês 45 anos,

iniciou a carreira de treinador há 12 anos, tendo sido técnico da selecção de sub-23 de Hong Kong e por duas vezes seleccionador principal interino na formação sénior da região vizinha.

Filho de Kwok Kam-hung, antigo jogador que esteve presente nos Jogos Olímpicos de 1960, o actual treinador da equipa de Macau herdou do pai o gosto pelo futebol.

“Eu assisti a muitos dos seus jogos e também o acompanhava nas deslocações a Macau para ver os meus tios, que actuavam em equipas locais, e visitar alguns membros da família que aqui viviam”, conta Kenneth Kwok em entrevista à Revista Macau.

O técnico tem, por isso, uma ligação especial a Macau, não tendo sequer hesitado quando recebeu o convite da Associação de Futebol de Macau (AFM). “Disse-lhes imediatamente que estava interessado,



Kenneth Kwok quer que a selecção de Macau suba no ranking do futebol asiático

pois esse sempre foi um dos sonhos que gostava de concretizar, até para o dedicar ao meu pai”, sublinha.

“A minha ideia é contribuir para que a selecção não pare de trabalhar e faça algo praticamente todas as semanas, campo, ginásio e sessões estritamente teóricas, do género de mesas redondas sobre conceitos de futebol, porque esta modalidade também se pode aprender de várias formas fora dos relvados”, afirma.

### **A importância de competir**

Kenneth Kwok sucedeu no cargo ao luso-angolano Lázaro Oliveira, que esteve à frente da selecção da RAEM cerca de dois anos, acompanhado do adjunto português Pedro Simões, e optou por não renovar. Para qualquer seleccionador, o ritmo competitivo é importante, mas, segundo o novo timoneiro do futebol da

RAEM, há outro tipo de trabalho a realizar antes de a equipa defrontar os adversários no relvado.

“Temos de mudar a mentalidade dos jogadores, treinadores e até dirigentes, caminhando o mais depressa possível para a semiprofissionalização do futebol”, avança Kenneth Kwok, acrescentando que “já é tempo de se acabar com um amadorismo a 100 por cento, que é aquilo que praticamente existe em Macau”.

Chamar a atenção de atletas e técnicos para a necessidade de mudança faz parte do projecto e da missão de Kenneth Kwok na RAEM. “Quero implementar novas rotinas na vida dos jogadores, como, por exemplo, treinar pelo menos dia sim dia não, nem que seja pela manhã, antes de muitos deles irem para os seus empregos, desenvolvendo um bom hábito de dormir e acordar cedo.”

Para o novo seleccionador, os jogadores, se querem um dia ser profissionais de futebol – “e eu vou sempre



Temos de mudar a mentalidade dos jogadores, treinadores e até dirigentes, caminhando o mais depressa possível para a semiprofissionalização do futebol”

**KENNETH KWOK**  
SELECCIONADOR DE FUTEBOL DE MACAU



encorajá-los a seguir esse caminho”, diz – têm de se sacrificar para atingir o objectivo. “É sobre isso também que temos falado nestes primeiros tempos sob a minha orientação e eu julgo que eles estão agora um pouco mais sensibilizados.”

### Recuperar jogadores

Na sequência da sua postura, Kenneth Kwok pretende contar com todos os jogadores elegíveis que Macau dispõe, mesmo os que agora se encontram indisponíveis por qualquer razão.

Nesse sentido, o seleccionador já falou com um dos melhores avançados que o futebol da RAEM tem, Leong Ka Hang, que não voltou a representar a selecção desde que, em 2019, os dirigentes da AFM

optaram por não comparecer no desafio diante do Sri Lanka, na segunda mão da qualificação para a Taça Asiática, por considerarem que não estavam reunidas as condições de segurança para a deslocação a Colombo.

“Fiz-lhe ver que ele é importante para a selecção e eu quero contar com a sua presença”, confirma o técnico. No entanto, “o Leong Ka Hang necessita de alguns meses para voltar a ter a forma física que tinha, uma vez que está parado há algum tempo”.

A selecção da RAEM fez nesta nova era um primeiro desafio internacional, diante de Guam, a contar para a fase de apuramento para o Campeonato da Ásia Oriental. O jogo, realizado em Dezembro de 2024, terminou com uma derrota por 2-1 para a selecção local.

Guam ocupa o lugar 203 do ranking mundial, 10



O novo treinador quer a equipa a treinar regularmente todas as semanas

posições abaixo de Macau. Apesar da diferença, o novo seleccionador viu um jogo “equilibrado”, com uma igualdade a um golo ao intervalo e que apenas pendeu para o Sri Lanka porque “Macau não aproveitou várias oportunidades que criou ao longo dos 90 minutos do encontro”.

Apesar do desaire, Kenneth Kwok já viu uma equipa à sua medida, mas reconhece que não é fácil rivalizar com outras realidades do futebol fora de Macau. “A grande maioria das selecções, mesmo as desta zona geográfica, por isso em posições mais baixas no ranking, possui vários jogadores naturalizados, semi-profissionais, e isso faz a diferença”, refere.

Nos jogos seguintes, face a Guangdong, a duas mãos e a contar para o Interport anual, Macau empatou em casa sem golos e perdeu por 3-2 no Interior da

China. Mesmo assim, Kenneth Kwok afirma ter notado “melhorias na equipa”, o que o deixou “satisfeito”.

### **Preferências tácticas**

O técnico é apologista de uma defesa com três centrais e os laterais a funcionarem como médios. “É assim que eu gosto que as minhas equipas joguem, com segurança e concentração defensivas, desdobrando-se depois para terem sempre seis ou sete jogadores empenhados no ataque, em posição de fazer golo”, indica o seleccionador.

É com este espírito que Kenneth Kwok pretende corresponder ao que dele esperam os dirigentes da AFM, tendo já elaborado um plano para o corrente ano.

O projecto, transmitido aos atletas, integra um desafio amigável a realizar, fora de casa, em Março,

seguindo-se outro em Junho. Depois acontecerá uma preparação mais intensa para jogadores mais jovens, que terão o Campeonato Asiático de Futebol sub-23 em Setembro.

Sobre a integração de jovens na formação principal, o técnico, que contará com Filipe Duarte e Emmanuel Noruega como adjuntos, garante que pelo menos quatro ou cinco irão fazer parte da equipa.

“Macau tem muitos jovens com valor, distribuídos

por vários clubes de juniores. O que é preciso é que essas equipas apostem neles, os façam subir ao plantel sénior e lhes dêem oportunidade de jogar”, afirma o seleccionador.

Relativamente aos jovens que já estão a ter a primeira experiência na formação principal da RAEM, ou que estão prestes a fazê-lo, o treinador tomou uma primeira decisão, que pode ter continuidade, pelo menos enquanto for o seleccionador.



Tirando partido das relações que Kenneth Kwok tem com o futebol de Hong Kong, três jogadores de Macau – Leung Chi Seng, So Hin Nang e Lei Cheng Lam – fizeram um estágio de uma semana no Eastern, clube da I Divisão da região vizinha.

“Foi certamente uma excelente oportunidade que eles tiveram e que me relataram ter sido muito positiva”, diz o treinador, que orientou a formação principal de Hong Kong nos Jogos Asiáticos de 2018, em Jacarta, na Indonésia.



“Vou procurar manter este tipo de estágios, porque a realidade de Hong Kong é bastante diferente da de Macau e as sessões de treino constituem uma mais-valia para eles, uma vez que se trata de equipas profissionais”, defende.

### **Formação de treinadores fundamental**

A formação de treinadores de futebol em Macau é igualmente considerada de grande importância para o futuro e para a almejada semiprofissionalização da modalidade. Kenneth Kwok quer reunir com os técnicos dos clubes com “grande regularidade”, com o objectivo de fazer uma análise sobre o trabalho que é desenvolvido.

O seleccionador assinou um contrato de um ano, automaticamente renovável, esperando poder corresponder ao que esperam do seu trabalho. “Desejo que o futebol de Macau progrida e que eu possa contribuir para que tal seja uma realidade”, sublinha.

Kenneth Kwok tem sonhos definidos enquanto responsável pelo comando técnico da equipa da RAEM. Um deles aponta para uma qualificação inédita: “colocar a selecção de Macau na fase de grupos do apuramento para a Taça Asiática”.

A tarefa nem parece assim tão difícil de concretizar, uma vez que para isso é preciso apenas passar a pré-eliminatória, uma tarefa que se tem demonstrado elusiva, como aconteceu, no ano passado, diante do Brunei.

No final da entrevista, foi pedido a Kenneth Kwok que partilhasse as suas preferências sobre os jogadores de futebol internacional. Para o seleccionador, os centro-campistas são jogadores que devem ter maior destaque.

“Os homens do centro do terreno são fundamentais na manobra de uma equipa, quer a defender, quer a atacar”, explica. As suas preferências: Rodrigo Hernández, espanhol do Manchester City, entre os actuais jogadores, e o britânico David Beckham, que já pendurou as chuteiras. “Este foi, na minha opinião, o melhor de sempre”, remata Kenneth Kwok. ▲

a minha cidade

# NO LASTRO DAS NAUS PASSADAS,

© DIREITOS RESERVADOS





# A CERTEZA DE UM FUTURO



Uma cidade híbrida e fluída, que tem no seu passado e na sua tessitura multicultural os seus maiores activos estratégicos. Para **Maria José de Freitas**, Macau foi ao longo das últimas três décadas e meia uma casa mui amada, mas também um arrebatador e desafiante laboratório urbano que a colocou no enalço do que se tornaria uma vocação: a salvaguarda do património arquitectónico

Texto **Marco Carvalho**

**H**ÓI-KEANG-OU (海鏡澳). De todos os nomes antigos de Macau, a Baía do Espelho do Mar é, porventura, o mais poético, mas também o que mais cristalina e reflecte a sua natureza. A cidade estruturou-se junto ao mar e durante séculos o mar foi parte integral da sua alma – e é essa ligação, primordial em toda a história de Macau, que Maria José de Freitas almeja ver reabilitada.

Doutorada em Patrimónios de Influência Portuguesa pela Universidade de Coimbra, a arquitecta encetou, em 1987, um intenso e prolongado vínculo a Macau que mudou a sua própria forma de ver a cidade, o espaço público e a arquitectura. Antes de entranhar Macau, estranhou-a. Aos poucos, mergulhou na sua história, apreendeu-lhe as ânsias e os arrebatamentos, identificou desafios e dilemas e hoje, quase 40 anos depois, defende que o futuro de Macau passa, em grande medida, pela valorização do seu estatuto de cidade portuária e multicultural.

# a minha cidade

## 01 O rumor de odisseias esquecidas

NO EMPEDRADO da Avenida da Praia, Maria José de Freitas acredita, reverberam os ecos de uma das mais extraordinárias gestas perpetradas pelo Homem. A arquitecta recebeu em 2002 o Prémio ARCASIA na categoria de Reabilitação Arquitectónica pelo projecto de musealização das Casas-Museu da Taipa.

Ajustada nos meses que antecederam a transferência de administração de Macau para a China, a empreitada foi uma das últimas grandes obras conduzidas por iniciativa da administração portuguesa. Para Maria José de Freitas, foi também o culminar de um percurso que desde muito cedo a fez enveredar pelos caminhos da história e da protecção patrimonial.

“Foi, à época, um projecto que teve um grande impacto, até porque foi uma das últimas obras no período de administração portuguesa. Era uma zona patrimonial e era – e é – uma zona com grande significado que, de alguma forma, dá corpo a esta ideia de multiculturalidade que, para mim, a cidade de Macau encerra”, assume a arquitecta.

Os planos originais contemplavam apenas a intervenção nas cinco moradias que hoje integram o núcleo museológico, mas, empenhada em tornar a zona verdadeiramente significativa, Maria José de Freitas

propôs também soluções para o arranjo urbanístico da área, com uma sugestão que ganhou, inadvertidamente, um inegável apelo poético.

“O que nos foi dito é que a pedra que foi usada na pavimentação da Avenida da Praia era o lastro das

naus que faziam o percurso para o Japão. Esta foi a narrativa que nos foi transmitida na altura por moradores locais, que nos disseram que, quando as embarcações voltavam, o lastro ficaria amontado naquela zona do Carmo”, recorda a



Directora Executiva da AETEC-Mo, Architecture and Engineering, Ltd.

## 02 O palco de todas as surpresas

SE A FANTÁSTICA, mas implausível ligação entre o pavimento da Avenida da Praia e a Nau do Trato permanece pouco mais do que um apontamento romântico que carece de fundamento histórico, a intervenção a que o Teatro D. Pedro V foi submetido sob a supervisão de Maria José de Freitas fez com que a arquitecta acreditasse que em Macau tudo é possível e nada pode ser dado como adquirido.

Convidada para coordenar a renovação da mais antiga sala de espectáculos da região, a também dirigente do Conselho Internacional de Monumentos e Sítios (ICOMOS) deparou-se com um conjunto edificado a necessitar de intervenção urgente, repleto de história e infestado de segredos.

“O Teatro D. Pedro V também é muito emblemático para mim. Quando fui chamada para trabalhar nesse projecto, já estava em curso uma obra de engenharia e a empresa responsável pela empreitada já tinha removido a cobertura, porque estava completamente corroída pela formiga branca”, recorda Maria José de Freitas. “A empresa tinha removido a parte da cobertura e estava a começar a

remover os tectos falsos dos diversos compartimentos. Quando visitei o espaço, fui apanhada de surpresa. Foi quando percebi pela primeira vez que havia ali uma série de histórias escondidas: havia janelões e outros elementos dissimulados e obliterados pela existência desses tectos falsos”, acrescenta.

A inusitada descoberta obrigou à reinterpretação do espaço e à revisão dos planos inicialmente previstos. Mais do que um contratempo, a arquitecta diz que o episódio lhe ofereceu uma oportunidade para aprender e para crescer como profissional.

“Já tinha uma concepção pensada para a remodelação do edifício, mas alterei tudo quando fui visitar o espaço e me apercebi desta conjugação de valores que estavam escondidos. Pareceu-me, desde logo, que seria muito bonito que o edifício pudesse contar a sua própria história”, afirma. “Aquilo que se vê lá agora – que são paredes pintadas até uma certa altura, o friso e depois o tijolo à vista – foi a forma que arranjei para mostrar aqueles vãos que tinham sido abertos, sabe-se lá por quem, que tinham sido tapados posteriormente e que era bonito mostrar.”

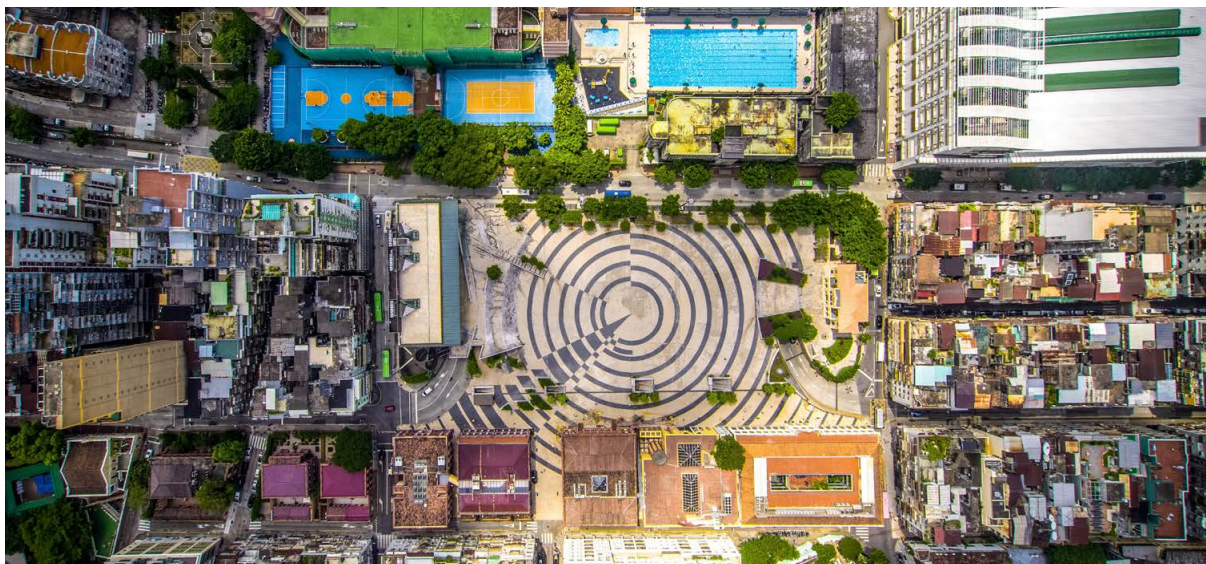
## 03 Nem sempre do velho se faz novo

CASAS-MUSEU da Taipa, Teatro D. Pedro V, Ruínas de São Paulo. Ao

longo das últimas três décadas e meia – ainda que com maior incidência nos anos que antecederam a transferência de administração de Macau –, Maria José de Freitas foi responsável por alguns dos mais emblemáticos projectos de remodelação e revitalização arquitectónica nos espaços e edifícios que, em Julho de 2005, foram inscritos na lista do Património Mundial da UNESCO.

A arquitecta portuguesa – que coordenou também os trabalhos de requalificação de algumas das moradias de traça portuguesa da zona do Tap Seac – advoga a perspectiva de que o passado histórico se insinua como um activo estratégico que deve ser articulado com o desenvolvimento da cidade, mas assume que nem todo o património edificado é passível de salvaguarda. No caso do Tap Seac, Maria José de Freitas lamenta o desaparecimento do Hotel Estoril, mas reconhece que a empreitada de construção da nova Biblioteca Central abre boas perspectivas para a área.

“Gosto muito da zona do Tap Seac. Gostava muito do hotel que lá estava e que foi demolido. É possível que o painel do Oseo Acconci ainda venha a ser preservado. Foi uma das soluções que eu propus no concurso que foi feito pelo Instituto Cultural e julgo que a empresa que ganhou o concurso, a Mecanoo Architects, vai fazer exactamente



© DIREITOS RESERVADOS

Praça do Tap Seac

isso. O painel do Oseo Acconci vai ser reposto no interior do Foyer e parece-me bem”, assume.

“A Mecanoo é constituída por um excelente grupo de arquitectos e gosto da proposta deles. Pessoalmente, gostava do contraste entre o modernismo do hotel e as moradias neoclássicas, do outro lado, mas se a substituição de bens de qualidade for feita por outros bens que também tenham qualidade, é um balanço que deve ser feito. Não me repugna”, atesta a arquitecta.

#### 04 Património para o futuro

NUMA cidade com as contingências de Macau, o equilíbrio entre o novo e o antigo, argumenta Maria José de Freitas, é um aspecto fundamental para que a cidade continue a

manifestar a multiculturalidade que desde sempre foi o seu cartão-de-visita perante o mundo. Mais do que a classificação a título individual de edifícios e complexos edificados, a arquitecta e especialista na protecção do património argumenta que a península de Macau deve ser tida, planeada, estudada e valorizada como um todo.

Na apreciação do espaço urbano e do referencial afectivo da península de Macau, devem entrar espaços e edifícios com valor historicamente comprovado, mas também as propostas modernas e contemporâneas que ajudaram a transformar Macau ao longo das últimas décadas. “Vivo perto do parque que se situa no NAPE, do jardim que foi projectado pelo arquitecto Caldeira Cabral, e sinto-me feliz por morar ali, porque é uma área bastante

interessante. Atravesso com alguma frequência o jardim e não é difícil perceber que é um espaço com muita afluência, que se enraizou na vivência das pessoas”, sustenta.

“O próprio NAPE, em si, tendo sido projectado por arquitectos locais, é o resultado de um trabalho feito em parceria ou com a colaboração do arquitecto Siza Vieira e do arquitecto Fernando Távora, dois arquitectos conceituados mundialmente. O arquitecto Siza foi distinguido com um prémio Pritzker. Portanto, o trabalho que foi desenvolvido no NAPE é património do futuro. É necessário ter consciência de que o património não é só passado. É também o que se está a fazer agora. É também uma arquitectura miscigenada e também ela tem de ser preservada”, conclui Maria José de Freitas. ▲



## OS SABORES DE SEMPRE COM UMA PITADA DE MODERNIDADE

Os longos anos passados entre tachos e panelas apetrecharam **Pedro** e **Mauro Almeida** com as técnicas e a sensibilidade necessárias para não desrespeitar as nuances da gastronomia portuguesa, mas não os prepararam para o desafio que lhes caiu nos braços: o de criar um projecto com características únicas em Macau

# gastronomias

Texto **Marco Carvalho**

Fotografia **Oswald Vas**

**D**E PORTAS abertas desde 1 de Junho de 2024 num dos cinco edifícios que integram o complexo patrimonial das Casas-Museu da Taipa, o restaurante “Casa Maquista” alia identidade, memória e paladar. O projecto surgiu com a ousada ambição de oferecer exclusivamente especialidades macaenses, num cenário em que o peso da história se faz palpável.

“Há alguns anos, pré-designámos alguns conceitos com os quais gostaríamos, eventualmente, de trabalhar e entre eles estava a gastronomia macaense. Mais tarde, quando surgiu a oportunidade de fazer algo com esta casa, que é uma casa com bastante história, a conclusão a que chegámos é que não fazia sentido abirmos aqui mais um restaurante português. Fazia muito mais sentido termos um projecto diferente, com cozinha macaense”, assinala Pedro Almeida.

O primeiro bosquejo do projecto pressupunha que os jovens chefs, nascidos em Trás-os Montes, contassem com aconselhamento e assessoria por parte de quem melhor conhece a singularidade da gastronomia macaense. Quando a hipótese caiu por terra, os dois irmãos arregaçaram as mangas. Durante meses desenterraram

receitas e procedimentos de livros, compêndios culinários e cadernos manuscritos, compararam medidas e ingredientes e adequaram termos e temperos à linguagem gastronómica contemporânea. O objectivo? Encontrar o paladar que mais se adequasse à memória gustativa de quem reivindica como seu o património gastronómico macaense.

“Começámos pela base e a base na gastronomia macaense é o balichão. Começámos por preparar o balichão e não foi das missões mais difíceis”, sustenta Pedro Almeida. “Nem sempre corre tão bem. O que nos vale, por vezes, é o apoio que nos tem sido dado por algumas pessoas, que nos têm ajudado nas pequenas técnicas e nos pequenos detalhes. Há tempos, tivemos aqui uma pessoa que nos veio ensinar a fazer a massa para a empada de peixe, uma receita em que nos estava a faltar um pequeno pormenor. Muitas vezes são esses pequenos pormenores que fazem a diferença. Não nascemos em Macau, não possuímos o palato e a memória gustativa de quem cresceu com estes pratos e, por vezes, é necessário que alguém nos coloque no caminho certo”, assume o jovem chef transmontano.

Quando essa orientação não existe, pouco mais resta que tentar, falhar, tentar de novo e falhar melhor. Para preparar o menu com que a “Casa Maquista” se deu a conhecer, Mauro Almeida investiu,

durante quatro intensos meses, a maior parte do seu tempo no labor, quase arqueológico, de resgatar técnicas e sabores, com o propósito de garantir a fórmula mais adequada e as proporções mais certas.

“Quando não estamos na posse de todos os dados, a única abordagem que nos resta é experimentar muitas vezes, tentar muitas vezes. É recolher receitas diferentes e testar o maior número possível. Há certos pratos em que, se pegarmos em 20 livros, vamos encontrar outras tantas receitas diferentes. Não há propriamente um consenso”, sustenta o mais velho dos irmãos Almeida. “Essa é, porventura, a maior fragilidade da gastronomia macaense: por não haver um consenso geral, é muito difícil pegar numa receita e adaptá-la à realidade de um restaurante”, complementa.

## REINVENTAR A TRADIÇÃO

Os desafios, porém, não se ficaram por aí. Com uma natureza demarcadamente doméstica, a gastronomia maquista contempla métodos e práticas nem sempre compatíveis com o modo de operar da indústria da restauração.

“Cabe-nos a nós arranjar forma de providenciar os mesmos sabores, as mesmas texturas, num prato concebido para um restaurante, ainda que respeitando sempre os sabores originais”, acrescenta Pedro Almeida.

A necessária adaptação dos pratos ao conceito e ao cardápio idealizados para a “Casa Maquista” pressupôs a simplificação de processos, o recurso a inovações tecnológicas e uma escolha mais criteriosa dos ingredientes utilizados. Deliberada, a abordagem tem a si inerente a reinvenção e modernização das tradições gastronómicas macaenses, desfecho que Mauro e Pedro Almeida consideraram inevitável.

“Muitas vezes temos de entrar por campos mais práticos para alcançar os resultados que consideramos mais satisfatórios. O porco bafassá foi durante décadas feito com lombo de porco, corte que, se calhar, não corresponde à escolha mais feliz. O lombo é uma peça que seca muito rápido. Em termos de textura, em termos de sabor, a carne do cachaço funciona bem melhor”, defende Pedro Almeida.

### ILUSTRE DESCONHECIDA

Apostados em demonstrar a viabilidade comercial da gastronomia macaense, os chefs transmontanos – ambos formados na Escola Profissional de Chaves – conceberam um cardápio onde pontificam pesos pesados da cozinha macaense, mas também iguarias que, muito provavelmente, integram pela primeira vez o menu de um restaurante. Ao tacho, à capela, à galinha



Mauro (esq.) e Pedro Almeida

chau-chau parida ou ao porco bafassá, os irmãos Almeida juntaram pratos menos conhecidos, como o bife panado em bolacha maria, o bacalhau enrolado em couve ou o minchi de peixe.

Em pouco mais de meio ano de funcionamento, o estabelecimento aparenta ter conquistado a confiança da comunidade macaense, por entre reparos e sugestões. “Não foi necessário muito tempo para que começassem a surgir comentários, uns mais construtivos do que outros, por parte da comunidade macaense. Mas em termos gerais tem sido positivo. Temos clientes, macaenses, que aqui vêm três vezes por semana. Isso quer dizer que gostaram”, assume Pedro Almeida.

A sedutora vivenda que acolhe o restaurante foi concessionada ao grupo Portuguese Restaurants

& Retail Concepts – que também explora em Macau os restaurantes Albergue 1601, Portucau e Três Sardinhas – por um período de quatro anos. É esse o tempo de que Mauro e Pedro Almeida dispõem para completar uma missão tão ou mais exigente: a de retirar a cozinha macaense da sombra da gastronomia portuguesa.

“A grande maioria dos clientes de fora de Macau que recebemos nos nossos restaurantes pensam que a cozinha macaense e a cozinha portuguesa são uma e a mesma coisa”, esclarece Pedro Almeida. “Do ponto de vista comercial, este desconhecimento coloca-nos em situação de desvantagem. Se um cliente não sabe o que é a gastronomia macaense, não vai pedir num hotel que lhe indiquem um restaurante macaense”, argumenta. ▲

## roteiro

**+ ESPECTÁCULO**

## Uma aspiração tão fatal como o destino

Na mitologia grega, o ténue fio da existência humana repousa nas mãos e no incerto arbítrio das Moiras, três irmãs com o inefável poder de medir, fiar e tresmalhar a vida dos mortais. Também conhecidas como Parcas ou Fiandeiras, Cloto, Laquésis e Átropos são geralmente representadas na iconografia com fios que tecem e cortam, o mais das vezes sem propósito aparente.

A noção de que o destino se perfila com uma dimensão linear e que a complexa tapeçaria das relações humanas não é mais do que o resultado do cruzamento de vidas que se enredam, entrançam e unem parece ecoar de forma subtil na narrativa de “Entrelaçar a Paz”, o hipnotizante espectáculo com que a companhia sueca de circo contemporâneo Cirkus Cirkör se apresenta no primeiro dia de Primavera no Grande Auditório do Centro Cultural de Macau.

Concebida por Tilde Björfors, fundadora e antiga directora artística da companhia, a produção explora, através de uma abordagem poética e visualmente deslumbrante, a perspectiva de que a paz não é senão o resultado de um emaranhado de vontades.

**“Entrelaçar a Paz”****LOCAL** Grande Auditório do Centro Cultural de Macau**DATA** 21 e 22 de Março, às 20 horas**PREÇO** Entre 200 e 500 patacas

MAIS INFORMAÇÃO

**+ EXPOSIÇÃO**

## Macau, confluência de culturas na encruzilhada da história

É impossível compreender o presente sem conhecer o passado. A história, porém, não se furta ao relativismo e não há narrativa histórica que não seja definida em função do ponto de vista do observador. No caso específico de Macau, um entendimento abrangente do seu passado exige a consideração de perspectivas múltiplas e por vezes contrastantes, das quais sobressai, com cristalina nitidez, uma constatação inequívoca: durante cinco séculos, foi terra de confluência de culturas e convergência de interesses.

A premissa é o conceito-chave sobre o qual se fundamenta a exposição “Ventos de Confluência: A História de Macau nos Arquivos Históricos das Dinastias Ming e Qing”. A mostra reúne mais de uma centena de documentos e é o resultado de uma iniciativa conjunta delineada pela Universidade de Macau em colaboração com os Arquivos Históricos da China, a Biblioteca de Xangai e a Biblioteca da Ajuda, de Portugal.

**“Ventos de Confluência: A História de Macau nos Arquivos Históricos das Dinastias Ming e Qing”****LOCAL** Salão de Exposições da Biblioteca Wu Yee Sun, Universidade de Macau**DATA** Até 31 de Março**HORÁRIO** Todos os dias, entre as 10 e as 19 horas**PREÇO** Entrada livre

MAIS INFORMAÇÃO



**+LIVRO**

## Macau, a singularidade do retorno em 25 depoimentos

Uma página de grande sucesso da história recente de Portugal. A convicção de que o regresso de Macau à administração chinesa foi conduzido de forma exemplar perpassa, com rasgos de unanimidade, os 25 depoimentos recolhidos por Maria do Carmo Figueiredo em “Macau entre Portugal e a China – 25 testemunhos”.

A obra, apresentada em Lisboa em Dezembro último, dias antes da celebração do 25.º aniversário da transferência de administração de Macau de Portugal para a República Popular da China, reúne depoimentos de governantes, diplomatas, jornalistas e outras personalidades de relevo da história contemporânea de Macau.

Jurista de formação e antiga presidente do Conselho de Administração da Televisão de Macau (TDM), Maria do Carmo Figueiredo define a obra como “um dicionário de pessoas e factos” que faz incidir uma nova luz, ainda que unilateral, sobre o processo de transferência de administração de Macau.

A obra incluiu entre os depoimentos recolhidos quatro testemunhos poderosos e incontornáveis: os dos presidentes da República António Ramalho Eanes e Aníbal Cavaco Silva e os dos governadores José Garcia Leandro e Vasco Rocha Vieira.

### “Macau entre Portugal e a China – 25 testemunhos”

**AUTORIA** Maria do Carmo Figueiredo

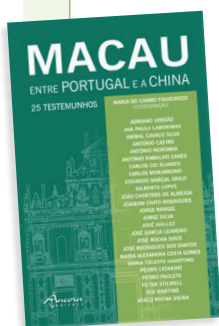
**CLASSIFICAÇÃO TEMÁTICA** Política, história

**EDITORIA** Âncora Editora

**IDIOMA** Português

**PÁGINAS** 302

**PREÇO** 160 patacas / 20 euros

**+NA REDE**

## Descobrir Macau em passeios com sentido

Geograficamente exígua, Macau desde cedo reclamou uma grandeza que não se compadece com os seus limites territoriais. Compacta e inebriante, a cidade é suficientemente pequena para ser explorada a pé. Efervescente e sinuosa, é também labiríntica quanto basta para que o residente acomodado ou o visitante impreparado se percam sem remédio no seu enredado urbano.

Numa época que privilegia as decisões cirúrgicas e em que poucos são aqueles que se podem dar ao luxo de divagar demoradamente entre ruas e vielas, o portal das rotas e roteiros de Macau facilita uma abordagem pragmática e precisa ao que Macau tem para



proporcionar. A plataforma, da responsabilidade da Direcção dos Serviços de Cartografia e Cadastro, oferece quase quatro dezenas de recomendações, divididas por três áreas temáticas, que guiam residentes e visitantes à descoberta de Macau.

Os 19 percursos que integram a série “Uma Passeata pelas Ruas de Macau” são disso um bom exemplo: dos becos e pátios às lojas antigas, passando pelos templos e pelos traços de épocas passadas, o que propõem verdadeiramente é um mergulho na alma de Macau.

**ORGANIZAÇÃO** Direcção dos Serviços de Cartografia e Cadastro

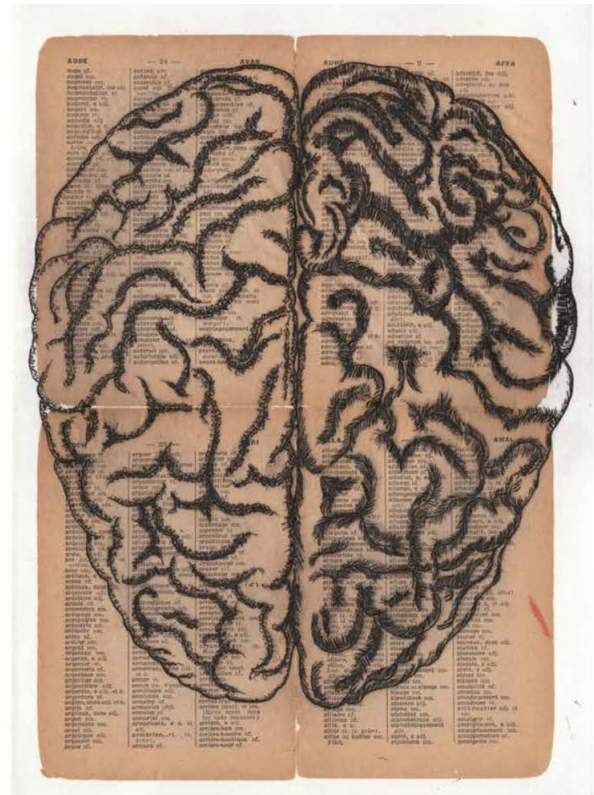
**CLASSIFICAÇÃO TEMÁTICA** Turismo, património, indústrias culturais

**IDIOMA** Português, Chinês Tradicional, Inglês



**WEBSITE**

[www.routemap.dscg.gov.mo](http://www.routemap.dscg.gov.mo)



“SÉRIE DE CONHECIMENTO #2” (2019-2022)

Água-forte em zinco e impressa nas páginas do dicionário Larousse (17,6cm comprimento x 12,6cm altura)

## Catherine Cheong Cheng Wa

CATHERINE Cheong Cheng Wa concluiu, em 2003, a licenciatura em Design Gráfico no que é hoje a Universidade Politécnica de Macau. De seguida, foi para França aprofundar os seus estudos e, em 2008, licenciou-se em Artes Visuais, com especialização em instalações vídeo, na Escola Superior de Arte e Design Toulon Provence Méditerranée. Regressou depois a Macau e, em 2015, obteve o primeiro prémio na “Segunda Trienal de Gravura de Macau”. Voltou para França em 2018, para aprofundar os seus estudos no campo das artes visuais.

Ao longo da carreira, a artista tem trabalhado com diferentes linguagens

artísticas, incluindo instalações vídeo, gravura e fotografia. A sua obra aborda questões ligadas às interações, contradições e diferenças culturais entre indivíduos, entre o homem e o mundo e a sociedade e a natureza.

A obra de Catherine Cheong Cheng Wa já esteve exposta em França, no Japão, na Coreia do Sul e na Tailândia, bem como no Interior da China, Taiwan e Macau. Actualmente, o seu trabalho pode ser visto no âmbito do “Salão de Outono 2024” da associação Art For All, que tem lugar no complexo The Parisian Macao até 25 de Março. ▽

Coleccione Selos de Macau

# 澳門郵票收藏

Collect Macao's Stamps

## 01/03/2025

### 澳門歷史城區申遺成功二十周年 (郵資標籤)

20.º Aniversário do Centro Histórico de Macau como Património Mundial (Etiqueta Postal)  
20<sup>th</sup> Anniversary of the Historic Centre of Macao as World Heritage (Label Stamp)



集郵微信QRcode



快分享到朋友圈  
一起關注澳門郵票！

澳門議事亭前地 LARGO DO SENADO, MACAU

電話 Tel.: (853) 8396 8513, 2857 4491

傳真 Fax.: (853) 8396 8603, 2833 6603

電郵 E-mail: philately@ctt.gov.mo

網址 Website: <http://philately.ctt.gov.mo>



澳門郵電 CTT  
Correios e Telecomunicações de Macau





澳門大賽車博物館  
 MUSEU DO GRANDE PRÉMIO DE MACAU  
 MACAO GRAND PRIX MUSEUM

*Sintam o  
 Museu do Grande Prémio*  
 Adquira o seu bilhete  
 no museu ou online

MOTO DESCONSTRUÍDA



ESTÁTUAS DE CERA DE PILOTOS



As estátuas de cera foram produzidas e de propriedade da Madame Tussauds

EXPERIMENTAR UM DIA DE COMPETIÇÃO



Add: Rua de Luís Gonzaga Gomes n.º 431, Macau  
 (853) 8593 0515, (853) 8593 0516  
<https://mgpm.macaotourism.gov.mo>